Henriqueta Pinheiro

21-2-99

S. Paulo-

CASSILDA

OU

ESPERANDO PELO MENSAGEIRO

LISBOA
Adolpho Modesto & C.ª — Impressores
Rua Nova do Loureiro 25 a 43
1890

CASSILDA

CAPITULO I

Na floresta

A poucas leguas da cidade encontram-se ainda algumas das clareiras, das avenidas, e dos verdejantes e assombreados recessos de uma antiga floresta. Restam ainda por arrotear, ou por soffrerem outra qualquer transformação, umas poucas de centenas de hectares, á disposição das centenas de milhares de pessoas que enxameiam, durante todo o anno, pelas sombrias ruas da cidade, exceptuando dois ou tres dias da brilhante estação calmosa, que destinam a passeios na floresta.

Existe ainda o espaço sufficiente para se formarem n'ella milhares de festivos grupos, completamente separados uns dos outros, e, para certos espiritos que amam a solidão e o silencio dos bosques, reccommendamos, se querem gozar á farta ambas as coisas, que se affastem das clareiras e dos caminhos batidos, e se embrenhem pelo espesso matto de fetos que se estende em todas as direcções.

A floresta é sempre bella, seja qual fôr a estação do anno: na primavera, encanta-nos a multidão de florinhas brancas que cobrem os ramos dos espinheiros, e a opulenta variedade de botões entre-abertos que esmaltam de mil côres as plantas rasteiras; no verão, temos a fresca sombra das copadas arvores seculares, e um tecto de ver-

dura que fica tão baixo, as vezes, que se lhe pode tocar com a mão; o outomno, revestido de todos os matizes do carmezim e do amarello, mostra-nos, por entre a delicada folhagem, as tenras e arredondadas vergonteas da faia, tinge de bronze os fetos, e suspende sobre as emmurchecidas arvores um tenue véu de nevoeiro; no inverno, finalmente, tem suas bellezas a neve que cae abundante sobre os ramos despidos, ou a branda geada que pinta os renovos e os frondes do feto, e se accumula nas folhas da hera e nos troncos rachados das velhas arvores, onde brilha, durante uma ou duas horas, sob um fraco sol de dezembro. Os habitantes da cidade não prefeririam, á sua floresta favorita, o jardim mais artisticamente ornamentado.

Além dos grupos familiares que no verão vão passar o dia á floresta, encontra-se tambem lá, desde o principio da primavera até ao fim do outomno, uma verdadeira população de gente vagabunda, que vive em barracas. Assim, quem divagar pelo matto sob o decotado arvoredo, dá inesperadamente com um pequeno acampamento, meio-escondido por entre os fetos, ou depara, talvez, com uma barraca isolada, a cuja porta um velho cão de guarda lhe dirije um furioso ladrar, admoestando-o a que passe de largo. Pobres e miseraveis habitações são estas, mesmo quando alumiadas por um sol brilhante, e favorecidas por um ar quente e secco; quando, porém, o outomno traz comsigo a humidade e o frio, o terreno se torna lamacento, e a velhissima lona das barracas, ou a terra de que as choupanas são grosseiramente feitas, embebe a chuva e a nevoa, pode então dizer-se que a desgraça e o desconforto d'estes estranhos inquilinos de verão é peior do que a dos moradores dos immundos becos e pateos da cidade.

Era nos fins do outomno, e havia alguns dias quo a nevoa envolvia a floresta, mal permittindo ao sol o seccar inteiramente a humidade que gotejava das folhas que as arvores ainda conservavam. O solo apresentava, debaixo dos pés do caminhante, uma serie de concavidades que se enchiam immediatamente de agua. Os tanques e as lagoas trasbordavam, e os brejos, que facilmente se poderiam atravessar na estação calmosa, impunham agora um

longo rodeio a quem quizesse passar para o lado opposto.

A maioria dos moradores das tendas haviam-se retirado para as suas habitações de inverno, se é que, porventura, as tinham, mas n um certo recanto solitario, affastado bastante de qualquer estrada, ainda se via erguida uma barraca, se barraca se lhe poderia chamar, pois que apenas constava de um velho encerado, dos que servem a cobrir as carroças, levantado a não mais de seis ou sete palmos acima do chão. Tinha a frente fechada por duas saccas, cosidas uma á outra, e a parte trazeira era naturalmente defendida por uma pequena eminencia do solo. Lá dentro, faziam as vezes de cama dois molhos de palha que permaneciam ali, sem duvida, havia muitos mezes, e um tosco cepo apanhado na floresta servia de assento unico. O resto da mobilia compunha-se de uma caçarola de ferro, com um bocado de menos na borda, de algumas peças de loiça de barro, partidas ou rachadas, e de um volume que parecia ser forrado de trapos, e que servia de almofada á cama de palha apodrecida.

A' entrada da barraca estava uma rapariga que denotava ter ainda muito pouca edade, e que passara uma grande parte da tristonha tarde a procurar accender, em vão, um monte de humidos cavacos. O rosto d'ella exprimia profunda contrariedade, e a perseverança com que proseguia na sua tarefa, o cuidado que tinha com os phosphoros, que ella accendia com alguma hesitação, como se receiasse o achar-se privada d'elles, tudo isto trahia uma certa inquietação da parte da pequena, inquietação que parecia augmentar á medida que escurecia. Ajoelhava diante da suffocante fogueira, ateiando as chammas com repetidos assopros, até o fumo lhe arrazar os olhos de lagrimas, e obrigal a a affastar-se durante um ou dois minutos, findo o que, notando que o fogo se ia extinguindo, voltava de novo. Olhava de vez em quando para o céu, onde um sol invisivel não ousava luctar com a espessa camada de nevoeiro, mas não fazia idéa nenhuma da altura do astro do dia, e só teve a certeza da triste realidade quando a floresta se involveu em trevas, e quando se tornaram de um

vermelho vivo as brazas da suffocante pilha que ardia a seus pés. Fez um derradeiro esforço para converter essas brazas em chammas, e deixou-se cair sobre a terra humida, n'uma explosão de lagrimas e soluços: n'esse comenos, um cão, que a estivera fielmente vigiando durante o seu longo conflicto, chegou-se para junto d'ella, e começou a lamber lhe as faces e as mãos, unico meio ao seu dispôr de a animar e consolar.

— Não ha outro remedio, Bijou — disse ella ao cão, por fim, a soluçar. — Prometteram moer-me de pancadas quando viessem, e então o melhor é ir-me embora.

Em seguida levantou-se e lançou um olhar triste em volta de si, demorando-se um pouco a contemplar as arvores que tanta sombra lhe proporcionaram no verão, mas que estavam agora sem folhas. A miseravel barraca continha, ainda assim, alguns objectos de que a rapariga se não queria separar; por isso, abrindo a trouxa que servia de almofada, tirou de dentro d'ella um vestido, já muito usado, e que tinha pertencido, com certeza, a mulher de elevada estatura, embrulhou-o cuidadosamente, depois de o beijar duas ou tres vezes, e atou ao pescoço uma fita, tambem já debotada, e a que estava suspensa uma medalha de plaque. Nada mais lhe restava fazer antes de fugir, a não ser o cobrir as fartas tranças do seu cabello com uma touca de algodão, e, depois de assim fazer, espreitando para todos os lados, como se temesse ser surprehendida por alguem que a obrigasse a ficar, saiu sorrateiramente da barraca.

— Anda, Bijou — disse ella em voz baixa — não quero que fiques ahi, e leves depois em meu logar.

O cão parecia comprehender perfeitamente de que se tratava, e mostrava-se pouco disposto a approvar o procedimento da rapariga. Seguiu-a a passos lentos, obra de cinco ou seis metros, e depois deitou a correr em sentido contrario, poz-se a cheirar a palha sobre a qual costumava dormir, e estirou-se ao pe dos mal incendiados cavacos, causa de aquella fuga precipitada. Assim se deixou ficar, até ouvir um terno assobio por detraz das arvores, que o fez mudar de resolução; e de ahi a instantes estava ao

lado da rapariga, affastando-se com ella, a passos rapidos, do unico abrigo que possuiam.

A escuridão ia augmentando gradualmente, á medida que o sol mais e mais mergulhava no occaso, e o nevoeiro era agora mais espesso, em virtude da evaporação que se exhalava dos pantanos proximos. Seria completamente infundado o receio de encontrar alguem em similhante noite, e a rapariga, longe de sentir esse receio, desejava até deparar com qualquer ser humano, com alguma d'essas creaturas, mesmo, que costumam estar de emboscada nos sombrios matagaes. Não se ouvia, porém, o menor ruido de vozes, não havia um unico signal de vida na floresta. Os passaros, que na estação finda estariam áquella hora a chilrear nos ninhos, haviam emigrado sabe Deus para onde; os echos não eram acordados pelo pio do mocho nem pelo canto do rouxinol. Os pequenos quadrupedes haviam desapparecido, como os passaros, e, se não fosse o quasi imperceptivel ruido que a rapariga fazia ao pisar as folhas seccas, seria absoluto o silencio da floresta.

Correndo, correndo sempre, ao longo de tenebrosas veredas, passou perto de uma lagoa marginada de compridas e delgadas canas, e sobre cujas aguas, que se moviam produzindo um som extraordinariamente distincto no meio do terrivel silencio, se reflectia uma luz pallida e phantastica. Chegada que foi a esse sitio, perdeu o rumo da direcção que pretendia seguir, e embrenhou-se, inconscientemente, por um pinhal que projectava uma obscuridade ainda mais intensa. O cão deixou escapar um leve gemido, e ella poz-se de ouvido á escuta. Brilhava uma luz por entre o arvoredo, ouviam-se vozes de pessoas que se approximavam, e, antes que ella tivesse tempo de correr alegremente ao encontro de quem quer que era, reconheceu a voz de seu pae que a chamava. Tremula, e mal podendo respirar, occultou-se o melhor que poude, e não se atreveu a sair do seu esconderijo senão depois de adquirir a certeza de que já iam longe os seus temidos perseguidores.

Sentia-se agora aterrorizada. Começavam a cair grossas gottas de chuva, que produziam nm grande susurro sobre

as poucas folhas que ainda existiam nos carvalhos, e, em logar do silencio que havia pouco reinava, a rapariga julgava ouvir segredarem-lhe de todos os lados. Parecia que a escuridão e o susto lhe avivavam o sentido do ouvido, e o mais pequeno ruido a sobresaltava. Sentia ranger os velhos ramos que lhe ficavam superiores, e fazia estalar debaixo dos pés os delgados troncos que o vento derrubara. Affigurava-se-lhe distinguir furtivos passos, por detraz de si, mas quando se voltava, e pretendia penetrar nas trevas, via apenas passarem por diante dos olhos pequenas chispas de luz. Estava quasi arrependida de ter abandonado a barraca, não obstante a tareia que tinha como certa por não ter o lume acceso.

— Quem dera que a mãe estivesse ainda viva! — exclamou ella.

N'este comenos, tendo dado mais alguns passos, por um carreiro aberto no feto, avistou ao longe, por detraz dos ramos inferiores de um carvalho, o clarão de uma luz, que lhe illuminava as amarelladas folhas e os troncos nodosos. Parou por algum tempo a contemplar essa luz, que apresentava intermittencias, mostrando-se umas vezes brilhantes, baça outras vezes, e chegando mesmo a desapparecer de todo por instantes. O coração da rapariga batia agitado, na occasião em que ella se acocorava para ver melhor, puxando o cão para junto de si. Depressa habituou a vista áquella claridade, e descobriu então, debaixo de uma das maiores arvores, uma carroça fechada, a que chamam caravana, tendo latteralmente uma janellinha redonda.

—Eh, Bijou — gritou ella, em tom alegre —é a carroça do tio Simão!

CAPITULO II

O tio Simão

A caravana, que a rapariga vira indistinctamente na obscuridade da floresta, era um carro construido com solidez, tendo n'um dos lados uma chaminé de fogão, e no

outro a já referida janella circular. Tinha, pela parte posterior, uma porta a que se chegava, de fóra, subindo tres ou quatro degraus, e na frente tinha apenas a abertura sufficiente para se poder guiar o cavallo. Este, porém, brilhava agora pela sua ausencia, e como até os varaes haviam sido tirados, o vehiculo tinha mais a apparencia de uma habitação permanente do que a de uma machina de locomoção. O interior abundava em commodidades: o chão estava coberto de oleado, para evitar a entrada do frio e da humidade, e para augmentar o calor as paredes eram forradas de saccaria: o pequeno leito desmanchava-se todo, em obra de dois minutos, e as abas da mesa abaixavam-se com extrema facilidade, logo que fosse preciso para outra coisa o espaço que esses dois moveis occupavam. Agora porém a cama estava armada, ostentando o seu felpudo cobertor de tres côres, e a mesa, com a toalha sobreposta, achava-se preparada para a ceia que estava sendo cosinhada. Uma cortina carmezim tapava a janella latteral, sobre a qual havia uma estante em que estavam arrumados alguns livros, e na parte inferior da mesma janella uma outra prateleira continha os pratos e as chavenas do tio Simão, tudo de loiça artisticamente pintada. Perto da porta via-se uma caixa aberta, na qual se guardava a folha, e em que havia um espaço reservado ao carvão e á lenha apanhada na floresta quando o tempo estava secco. Tudo ali respirava ordem e asseio, e o interior da caravana, visto á luz viva do candeeiro do tio Simão, era, na verdade, um retiro agradavel para quem quizesse viver um pouco fóra do resto da humanidade.

Bastava olhar para o tio Simão para se vêr que não era homem para manter intimas relações com os seus similhantes, se é que elle tinha alguem que lhe fosse similhante. Era aleijado de todos os membros, tinha os braços tão compridos que quasi lhe chegavam ao chão, e trazia a disforme cabeça sempre inclinada sobre o peito, excepto quando, fazendo um esforço, a erguia para fallar com qualquer pessoa. Por mais amoravel e compassivo que fosse o olhar de quem fallasse com elle, o rosto do tio Simão tomava sempre, ao cruzar esse olhar com o seu,

uma expressão de enfado. Era-lhe impossivel conservar-se direito, encarar o mundo, levantar a vista para os céus.

Não era, comtudo, infeliz, em toda a accepção da palavra; podia supprir as suas necessidades. A caravana era propriedade d'elle, e havia-lhe sido deixada pelos paes, que passaram toda a sua vida a fabricar e vender cestos de vime, officio este que o tio Simão aprendera tambem. Desde, porém, que a mãe lhe morrera, havia agora já bastantes annos, não se aventurou a viajar sósinho, exposto ás chufas e insultos da garotagem que escarnecia da sua exotica figura, e ria a bandeiras despregadas quando o via entregar-se a inuteis accessos de colera. Apezar d'esta circumstancia não soffria, como já dissemos, necessidades, porque bastava que elle estacionasse durante algumas horas na estrada pela qual passavam de carro as familias que iam divertir-se na floresta, para que enchesse o chapéu de esmolas que lhe lançavam os alegres excursionistas, impressionados talvez pelo espectaculo que elle offerecia. Toda a sua ambição era chegar a um tempo em que podesse viver sem recorrer ás suas deformidades, e para isso fazia de vez em quando penosas digressões á Caixa Economica, onde o seu capital ia crescendo a olhos vistos. Se os rigores da estação invernosa eram tão excessivos que os não podia supportar na commoda caravana, costumava depositar a n'uma cocheira, e alugava um quarto, onde vivia até á chegada da primavera, em que voltava de novo para a vida solitaria da floresta. E bem solitaria lhe era essa vida, pois que todos fallavam mal d'elle, ninguem condescendia em armar a sua barraca ao alcance da voz do tio Simão, e até as creanças, que eram as unicas pessoas para quem elle olhava, deitavam a fugir e a gritar logo que deparavam com elle a colher matto para o lume.

Simão tinha acabado de collocar a luz no meio da mesa, e estava deitando a comida no prato, quando sentiu bater ao de leve na porta. Era este um caso a que elle estava tão desacostumado que concluiu logo ser, aquelle som que ouvira, produzido por algum ramo que, impellido pelo vento, viesse de encontro á porta. Sentiu, porém, de novo

o mesmo som, agora um pouco mais distincto, e voltou instinctivamente a enorme cabeça para um certo sitio da parede, onde tinha a pistolla pendurada.

— Quem está ahi? — gritou em voz de mau humor.

— E' a Cassilda — responderam de fóra — a filha da Isabel que costumava lavar a roupa do tio Simão. E' a Cassilda e o Bijou.

— Que vens tu cá fazer? — perguntou elle.

— Fugi de casa, tio Simão — soluçou Cassilda. — Meu pae casou com outra mulher, e não se importa que ella me mate á pancada. Dá-me cada tareia que até parece impossivel. Fugi, pois, de casa com o Bijou, e vejo-me sem abrigo n'esta horrivel noite, sósinha no meio da escuridão. Lembre-se de que minha mãe tinha sempre boas palavras para si, que lhe trazia sempre a roupa branca de neve, e deixe me passar a noite com o meu Bijou debaixo da sua carroça, depois de nos dar um bocado de pão duro. Não lhe causaremos prejuizo algum, tio Simão.

A resposta fez-se demorar, e durante um minuto reinou profundo silencio no interior da caravana. Esta indifferença para com a sua desgraça inundou de lagrimas os olhos de Cassilda, que estava sobre o ultimo degrau da pequena escada, com o ouvido encostado á porta. Começava a cair de novo a chuva, que produzia um formidavel ruido sobre o tejadilho do carro. Para onde havia ella de ir? Voltar para a negra floresta, que limitava a clareira em redor, era superior ás forças da rapariga. Deveria introduzir-se por debaixo da caravana, onde a terra estava menos molhada que n'outro sitio, e ali, quasi na companhia do tio Simão, esperar, sem ser presentida, que nascesse o dia? Estava prestes a converter a idéa em acção, quando a porta se abriu, coisa de uma mão travessa.

— Estás certa de que não vem mais ninguem comtigo? — perguntou o aleijado, esforçando-se por profundar as trevas. Cassilda, fixando n'elle os olhos, marejados de lagrimas, parecia implorar-lhe auxilio e condolencia.

— Sou só eu e o Bijou — respondeu ella — a mãe morreu, como sabe, tio Simão, e ninguem se importa agora comigo; Bijou é o meu unico amigo. Se nos desse licença

para ficarmos debaixo da carroça, creia que nos iamos embora ao romper da manhã, antes mesmo que vocemecê acordasse. Não tenho animo de andar por ahi sósinha, n'uma noite d'estas. Asseguro-lhe que não lhe dariamos o minimo incommodo.

— Pois entra, pequena — exclamou o tio Simão, abrindo a porta o precisamente sufficiente para Cassilda entrar, seguida de Bijou, e tornando a fechal-a, com um ruido secco que fazia lembrar o cair de uma armadilha que acabasse de prender alguma desgraçada victima. A Cassilda, porém, só a atemorisava a escuridão da floresta, e ficou, além d'isso, tão fascinada pelo conjuncto do interior da caravana, que não prestou attenção a mais coisa alguma. Era a scena mais bella que havia contemplado até então. A cortina escarlate, a vistosa coberta da cama, o tapete que ficava proximo do fogão, a cadeira estofada, tudo isto a tornava muda de admiração. Simão voltára aos preparativos da ceia que reclamava, n'aquelle momento, toda a sua attenção, e Cassilda assentara-se ao pé da porta, sentindo em si a obrigação de fazer por occupar o menor espaço possivel, emquanto que Bijou andava descaradamente a farejar por todos os lados.

— Andas á procura do Rabujento, hein ? — disse Simão. — Já lá vae tambem, meu amigo ; morreu hontem, e foi hoje enterrado. Nem eu sei como hei de viver sem elle.

— Olhe, tio Simão, — acudiu de prompto Cassilda — fique vocemecê com o Bijou emquanto eu andar á procura de casa para servir. E' muito bom guarda, e ha de fazer-lhe uma excellente companhia. Contou-me minha mãe que lhe pôz o nome de Bijou por assim se chamar o cão de uma senhora de que ella fôra creada, e que *bijou* é uma palavra franceza que significa joia. Se vocemecê quizesse tomar conta d'elle, ficava eu mais livre, e estou certa de que facilmente arranjaria um logar.

— Que especie de logar pretendes tu arranjar ? — perguntou Simão, sentando-se á mesa da ceia, da qual Cassilda tentava desviar os olhos, com receio de que lhe denunciassem o appetite que sentia. Bijou deu por terminadas as suas pesquizas para se entregar a uma contem-

plação muda de todos os movimentos de Simão, e Cassilda quasi que esqueceu a fome, com o entretenimento de vêr como o cão apanhava no ar os bocados que lhe eram atirados, sem falhar uma só vez. A pergunta de Simão não obteve resposta senão passados alguns minutos.

— Qualquer coisa me serve — disse ella, como que voltando a si. — Dizia-me minha mãe que as creadas comem carne todos os dias, tanta quanto quizerem, e dormem em verdadeiras camas. Prometteu-me muitas vezes arranjar-me um logar em qualquer casa, logo que eu tivesse edade sufficiente, mas, coitadinha, morreu, e agora ninguem quer saber de mim.

— Ha muita gente no mesmo caso, n'este mundo — disse Simão, em voz baixa, como se fallasse comsigo só. — Quem cuidaria em me dar um logar, por pequenino que fosse, no universo? Quem se importaria com um desgraçado como eu? Sou uma d'aquellas creaturas que só devem a Deus o fardo da vida que arrastam, a esse Deus Todo-poderoso, em cuja existencia nos fazem para ahi acreditar. E esta pequena que aqui está é outra que tal.

— Ah! — exclamou Cassilda. com vivacidade — isso faz-me lembrar uma coisa que umas senhoras me ensinaram o anno passado, e que começa assim: «Creio em Deus Pae, Todo-poderoso,» mas já me esqueci do resto. Ensinaram-me muitas outras coisas bonitas, mas que quer que lhe faça? passa-me tudo da idéa, apenas me encontro de novo no verão, a ouvir cantar os passarinhos nas arvores da floresta, e a vêr correr os bichinhos por entre a herva. Mas, voltando á vacca fria, queira vocemecê ficar com o Bijou, e verá se eu arranjo ou não casa para onde ir. Uma rapariga como eu sempre encontra que fazer na cidade.

Simão concluiu a ceia em silencio, juntou n'um prato o que lhe sobrou, partiu uma grossa fatia de pão, e deu ambas as coisas a Cassilda que começou a comer com grande voracidade. A rapariga sentou-se, em seguida, junto do confortante lume do fogão, e como Simão notasse que ella já não podia resistir ao somno, mandou-lhe estender o tapete a um canto da caravana, e preparar com elle uma cama

para se deitar. Cassilda contentou-se, para não estar com mais trabalho, em se enrolar simplesmente dentro do tapete, e assim esteve algum tempo a olhar para Simão, que lia á luz do candeeiro, e, por fim, cedendo á força que lhe cerrava os olhos, adormeceu tão profundamente como se estivesse n'uma das verdadeiras camas que, segundo a mãe lhe affirmava, eram um dos gozos da vida de creada.

CAPITULO III

Scepticismo e crença

A manhã seguinte apresentou-se tão esplendida, que Cassilda se sentiu quasi sem coragem de trocar a floresta pelas sombrias ruas da cidade. A chuva havia dispersado o nevoeiro, e o sol, em estirados, obliquos raios, cahia passando atravez dos despidos ramos das arvores, sobre a relva e o feto, verde-claro aquella, este bronzeado, e o céu mostrava um azul tão limpido como no verão. Pousado no ramo mais alto do carvalho que se achava junto da caravana, um pintarroxo banhava-se em ondas de luz, e entoava um canto cheio de doçura e alegria, ao mesmo tempo que vigiava a janellinha do tio Simão, á espera do almoço que era costume ser-lhe de ahi enviado. Reinava no basto arvoredo um ruidoso chilrear, como se os passaros houvessem despertado na persuasão de que o inverno passara já, e de que estavam de novo na ridente primavera. Era custosa a idéa de trocar o brilhante sol, e a sadia atmosphera, pela claridade baça, e ar viciado, da cidade, e assim Cassilda estava meio resolvida a deixar-se ficar, confiando em que poderia viver, durante um certo tempo, de fructos silvestres, e de algumas côdeas de pão que mendigasse pelas casas dos arrabaldes da floresta. Lembrou-se, porém, de que em pouco tempo seria encontrada pelo pae, e foi isso o que a decidiu, afinal, a partir.

Simão não parecia ter muita pressa, n'aquella manhã, de se ir postar no local onde costumava implorar a cari-

dade publica. Almoçou com todo o seu vagar, não obstante o pintarroxo entoar agora um canto que exprimia apenas impaciencia, e instou com Cassilda a que enchesse bem o estomago, visto a incerteza em que ella ficava da hora em que tornaria a comer. A rapariga sentou-se no degrau mais baixo da caravana, saboreando o almoço e gozando o calor do sol, emquanto Simão, reclinado na sua cadeira de braços, a contemplava com um ar de compaixão, e dizia comsigo mesmo, em tom de desabafo:

— Não intendo como é que as Suas misericordias são sobre todas as Suas obras. (Psal. 144. 9). Poder-se-hia até provar o contrario. Para não irmos mais longe, que tem Deus feito por mim? Vejamos agora Cassilda. Possuia uma mãe que tratava do arranjinho da casa, conservando tudo na maxima decencia, e eis que lhe é arrebatada, sem que Elle tivesse para isso, a meu ver, outro fim senão o de privar a creança da unica pessoa que cuidava d'ella. Tudo quanto é mau a espera agora. Tem tres coisas diante de si: asylo, cadeia, ou fundo do rio. De qualquer d'estes tres portos, para que ella navega, o fundo do rio é sem duvida o melhor. Que se lhe ha de fazer! Não vejo necessidade de cair em grandes lamentações perante o caso d'esta misera rapariga, ao lembrar-me do fim desgraçado que muita gente boa tem tido.

Comtudo, não se lhe desvaneceu do rosto a expressão de dó que por ella sentia, e foi com os olhos fitos em Cassilda que Simão, tomando Bijou nos joelhos, arrojou para longe uma mão-cheia de bocados de pão que em breve foram assaltados por nuvens de pardaes. A pequena conservou-se immovel, silenciosa, e mostrando as faces trigueiras inundadas de tristeza, durante todo o tempo que seus olhos se embebiam na vista do alado bando.

— Cassilda — exclamou Simão, depois que os pardaes desappareceram, em procura, talvez, de outra pechincha — sempre queres deixar o Bijou comigo?

— Pois quero, se vocemecê me promette que o ha de tratar bem. Bem vê que o não posso levar comigo para onde fôr, e que por força o hei de entregar a alguem.

— N'esse caso trata de sair, e deixa-me fechal-o na

caravana, porque vou partir já já. Está-se-me fazendo tarde para apanhar as pessoas que vão para o comboio. Anda, avia-te. Ou deixa-o quanto antes, ou leva-o então comtigo.

Isto ainda era mais custoso do que largar a floresta. Bijou havia sido o seu companheiro de brinquedos desde o tempo em que era apenas um cachorrinho, isto é, durante os ultimos dois annos, e apartando-se d'elle, apartava-se do unico amigo que lhe restava. Houve dificuldade em conseguir que o cão entrasse na caravana sem Cassilda, e foi necessario fechar a porta com tamanha rapidez, que quasi lhe iam entalando a cabeça, no momento em que elle se voltava para sair. A pobre rapariga, ouvindo os queixumes do animal, e o ruido que elle fazia a roçar as unhas pela porta, demorou-se um ou dois minutos a animal-o cá de fóra, entrecortando de soluços as palavras que proferia. Por fim, começando elle a uivar desesperadamente, convencido de que o deixavam fechado, Cassilda viu-se obrigada a partir.

— Tio Simão—disse ella, alcançando o aleijado no caminho, em vista dos vagarosos progressos que este fazia a andar —não acha que seria bom repetir as orações que me ensinaram no albergue? Aconselharam-me lá a dizel-as todos os dias, pela manhã e á noite, mas esqueci-me de seguir esse conselho. Sinto-me agora triste; talvez que d'ellas se tire algum proveito, tanto para mim como para o Bijou.

— Pode ser que sim — respondeu Simão parando, emquanto Cassilda, immovel debaixo de uma arvore, juntava as mãos, e olhava melancholicamente para a caravana em que estava fechado o animal que lhe era tão querido.

— Pae nosso, que estás no céu—principiou ella, em voz suave — Santificado seja o teu nome. Venha o teu reino. Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje. Não nos deixes cair em tentação. Livra-nos de todo o mal. Teu é o reino, e o poder, e a gloria. Amen.

— Minha mãe disse-me, quando prestes a morrer, que esta oração lhe dava forças para encarar a morte — continuou Cassilda, caminhando agora mais animada ao lado

de Simão, cuja cabeça mal chegava á altura do hombro d'ella. — Repeti-lh'a umas poucas de vezes, e, á medida que eu prosegu'a, olhava-me ella com um desusado brilho nos olhos, e, por fim, apertando-me a mão com muita força, soltou o ultimo suspiro. Lembrando-me d'isto, é que eu tenciono dizer aquella oração pelo caminho, até chegar á cidade, para ver se ella me traz boa fortuna. Tenho pena de me haver esquecido das outras orações, porque n'esse caso mais fortuna havia de ter ainda.

— Não acredito n'essas coisas — respondeu Simão, caminhando com toda a cautella, pois que as grossas raizes das arvores constituiam um perigo imminente para as suas mal seguras pernas. — Não tenho fé nenhuma em orações, que para mim não passam de tolices sem pés nem cabeça.

— Oh, tio Simão! — gritou Cassilda, em tom afflicto.— Dizia minha mãe que o Deus Todo-poderoso gosta de ouvir as nossas orações. E olhe que quem m'as ensinou era pessoa que sabia ler como aquelles que o sabem. Isto sem desfazer de vocemecê, que lhe não é inferior n'esse ponto.

— Para pessoas ignorantes, como tu, tua mãe, e muitas outras mais, não nego que as orações sejam boas. E' verdade que são vasias de sentido, mas adaptam-se perfeitamente a creaturas vasias de entendimento, e podem chamar por momentos ao bom caminho, a vocês, mulheres e raparigas, se é que ha possibilidade de similhante coisa.

— Pois seja assim — replicou Cassilda. — Pela minha parte continuarei a dizel-as, porque me parece que estou fallando com alguem, e quem sabe mesmo se alguem me estará ouvindo quando as digo. E fiquemos n'isto, tio Simão; adeus, e tenha caridade com o Bijou, sim?

Em seguida abaixou-se, e depositou um furioso beijo na aspera e encarquilhada face do aleijado. Simão era aos olhos de Cassilda um homem muito differente d'aquelles a quem, como a seu pae, o vicio da embriaguez tornava bruscos e intrataveis. Não sentia o minimo receio da disforme e indefeza creatura; beijava-o como o poderia fazer a uma creança a quem fosse grata. Simão não poude proferir uma unica palavra, porque os soluços lhe embarga-

vam a voz, ao mesmo tempo que uma estranha sombra lhe obscurecia o olhar. Quando, passada essa commoção, se voltou para o lado onde suppunha estar a pequena, já ella ia longe, quasi a perder-se de vista por entre as arvores. Era tarde de mais, tambem, para a chamar, porque estava fóra do alcance da voz.

— Estou arrependido de não lhe ter dito para ficar — disse elle então. — Todos nós haviamos de viver; além d'isso, ella não é rapariga que se torne pesada. Vae ao encontro de grandes perigos, coitadinha; eu que o sei! Ainda se eu podesse correr atraz d'ella, e fazel a voltar, mas qual! O Deus Todo poderoso não me deu pernas para isso, e é portanto a Elle e só a Elle que se deve attribuir qualquer desgraça em que ella venha a cair. Lavo de ahi as minhas mãos.

Não obstante, não poude varrer da memoria, em todo o dia, a imagem de Cassilda, e de fazer mil conjecturas sobre o destino que a aguardava. O dia estava soberbo, e era grande a multidão de transeuntes, uns a pé, outros de trem ou a cavallo, que aproveitavam a breve presença do sol para se dirigirem a diversos pontos da floresta, pela estrada que a atravessava e que era quasi totalmente desguarnecida de arvoredo, quer de um lado quer do outro. Simão obteve uma boa colheita n'esse dia, e quando se retirou para a caravana, e se poz a contar o dinheiro, defronte de Bijou, que olhava attentamente para elle, sentiu-se de novo arrependidissimo de não ter conservado Cassilda na sua companhia, quando mais não fosse, até ao dia seguinte.

— Não correria perigo algum aqui — exclamou elle, como se Bijou o podesse comprehender. — Ter-lhe-hia proporcionado felicidade durante um dia, ao menos, coisa esta que o Todo-poderoso nunca me poude proporcionar a mim. Que prazer não seria o de ter feito o que Elle não pode fazer! Já é tarde, porém; perdeu-se como tantas outras. Adeus, Cassilda, adeus para sempre.

IV

As escadas da ponte

Cassilda não teve difficuldade emquanto á escolha do melhor caminho que a devia conduzir á cidade, e, chegada que foi, metteu se sem a menor hesitação pelas ruas tumultuosas e sombrias. Apezar da sua jornada de tres ou quatro leguas, caminhava ainda com passos firmes, sem se deter a contemplar as vitrines das lojas, e sem mesmo parar para um descanço de alguns minutos, não obstante os sapatos largos lhe haverem já ferido os pés. Não se esquecia por um momento das duas imperiosas necessidades a que tinha de acudir, isto é, encher o estomago vasio, e achar um logar onde passar a noite, que não tardava em cair sobre a grande cidade. Pobre Cassilda! que aspecto de pobreza, miseria e abandono ella apresentava ao atravessar rua após rua, mimoseada com empurrões dos que vinham em sentido opposto, levada na onda dos que iam na mesma direcção! Levava, muito chegado a si, o vestido debotado da mãe, unica propriedade que possuia, e procurava avidamente com os olhos um abrigo qualquer onde podesse pernoitar. Parava de vez em quando, para perguntar, a creanças tão esfarrapadas como ella, se sabiam onde poderia encontrar o que desejava, mas essas mesmas creanças todas ellas tinham suas casas, e não conheciam outro logar para passar a noite. Cassilda continuava a vaguear, evitando agora as ruas mais espaçosas e de maior transito,e embrenhando-se pelas immundas travessas e viellas, algumas das quaes eram suas conhecidas, em razão de ser para alguma d'ellas que vinha passar o inverno com o pae e a mãe quando estes se achavam em circumstancias de se permittirem uma tal commodidade. Apezar de estar ainda só com o almoço, não dava grande importancia a esse facto, pois sabia por experiencia propria que se pode passar muito tempo sem comer.

Finalmente, quando havia apenas a debil claridade que

os lampeões projectavam em volta de si, e na occasião em que os policias estavam occupados de mais para repararem na pequena Cassilda, esta introduziu-se no vão de uma porta, no mais espaçoso com que deparou, e dispoz-se a aproveitar o melhor que podesse aquelle logar de refugio. Embrulhou-se no vestido da mãe, encostou a cabeça ao humbral da porta, caindo, porém, n'uma agitada somnolencia, e murmurando, todas as vezes que algum ruido estranho a acordava de sobresalto, as orações que lhe haviam sido ensinadas no albergue.

Ainda vinha longe o dia quando Cassilda despertou de todo, e começou a chamar por Bijou, mal fazendo idéa, nos primeiros momentos, do sitio em que estava. Som algum porém se fez ouvir em resposta ao seu chamamento. O local onde ella adormecera era uma especie de pateo, e as casas em roda estavam occupadas por diversos armazens. Levantando-se da pedra em que até então estivera deitada, e olhando para os altos predios, que se elevavam contra um céu negro, pareceu-lhe achar-se encerrada em funda e estreita sepultura, mais funda e mais estreita do que aquella em que estava depositado o cadaver de sua mãe. Uma tal idéa fel-a estremecer, e a pobre creança tratou immediatamente de sair para a rua, que começava já a animar-se com a abertura de alguns estabelecimentos, e por onde rodavam algumas carroças cheias de fructas e hortaliças que vinham abastecer os mercados da cidade. Cassilda sentia agora uma fome desesperada, e o cheiro que lhe vinha das padarias, em razão de ser a hora de tirarem o pão do forno, quasi que a enlouquecia. Foi sempre andando, porém, até ser completamente dia, e sentir-se brandamente acariciada pelo sol, que se esforçava por affastar com os seus raios a obscuridade da atmosphera.

— Pois não obterei uma pequena collocação em qualquer parte? — dizia ella, começando a desanimar á vista das innumeraveis ruas e travessas, que a cercavam por todos os lados e que lhe faziam lembrar as enormes teias da floresta, onde as descuidadas moscas se enredam e perdem por fim a vida. — Quem sabe se n'uma ou n'outra d'estas lojas me poderão dizer de alguem que precise de uma

creada nas minhas condições. — Os lojistas, porém, olhavam para ella com desconfiança, e respondiam-lhe com muito mau modo, á excepção de uma mulher, de aspecto doentio, a qual, reparando na cara magra e esfomeada de Cassilda, lhe deu um bocado de pão que ella comeu a custo, em vista do estado de cançaço e inquietação de espirito a que tinha chegado. Havia contemplado a sua imagem nos espelhos que algumas lojas tinham á venda nas montras, e não podia deixar de concordar no quanto lhe seria difficil ser admittida em qualquer parte, com a cara por lavar, o cabello despenteado, a saia immunda, e o casaco tão roto nas mangas que lhe deixava quasi a descoberto os bracinhos de esqueleto. Era necessario deixar de pensar em tal.

Ia já declinando a tarde quando ella, farta de procurar em vão, se sentou, tanto quanto possivel fóra do alcance da vista dos transeuntes, n'um dos degraus da escada que communica com a ponte sobre o rio. Passava para baixo e para cima gente de toda a especie, homens, mulheres, rapazes, raparigas, mas ninguem prestava a menor attenção á creaturinha que se achava agachada a um canto, com a face enterrada nas mãos. Ou essas pessoas estavam muito habituadas a espectaculos eguaes ao que ella apresentava, ou iam preoccupadas de mais para se deterem um minuto a fazer-lhe qualquer pergunta. Accommettia-a de vez em quando uma especie de sonho, em que se encontrava de novo na floresta, longe do borburinho e do movimento das ruas. Affigurava-se-lhe estar rodeada de passarinhos que vinham regalar se com as migalhas de pão que ella lhes deitava. Via os esquilos saltarem de ramo em ramo, fugindo da sua presença na aveleira a que havia trepado. Ouvia o crocitar dos bandos de gralhos que se levantavam dos campos de semeadura e se dirigiam para as arvores onde tinham seus ninhos, pois que, ao contrario de Cassilda, tinham onde repousar durante a noite. Chegava-lhe tambem aos ouvidos o zumbido das abelhas que voltejavam pelas derradeiras flôres outomnaes, de brilhantissimas côres algumas d'estas, antes de se recolherem, até á primavera, ao agasalho de seus cortiços.

A mãe estava outra vez viva, e chamava «Cassilda» quando ainda vinha para além das arvores que a occultavam de quem estivesse á porta da barraca. A voz ia-se tornando cada vez mais fraca, cada vez menos perceptivel, voz de quem se affastava agora; de repente a rapariga foi despertada de aquelle sonho, estranho mas não de todo desagradavel, pelo choro de um rapazinho que estava parado a poucos passos d'ella.

Cassilda esfregou os olhos e olhou para o sitio d'onde partira o choro. O rapaz, em pé, sobre um dos degraus superiores áquelle em que ella se deixara adormecer, de compridos cabellos loiros que lhe cahiam em caracoes sobre os hombros, e de bibe de linho, estava sem chapéu. Como soluçasse afflictivamente, e Cassilda sentisse confranger-se-lhe o coração perante qualquer soffrimento, estendeu-lhe os braços, e fallou-lhe no tom meigo que costumava usar para Bijou. A creança olhou para a desconhecida, deixando de chorar, e, notando o amigavel sorriso que lhe era dirigido, desceu os poucos degraus que a separavam d'ella.

— Então quem foi que te fez mal?—perguntou Cassilda.

— Perdi-me de minha mãe — respondeu o rapazinho, dispondo-se a recomeçar o choro, mas Cassilda, puxando-o a si e limpando-lhe os olhos com uma das mangas do velho vestido que tinha no collo, impediu essa nova explosão.

— Onde mora a tua mãe?—tornou Cassilda a perguntar.

— Mora á esquina de uma rua, mesmo pegado com a taberna onde meu pae costuma embebedar-se.

— E tu como te chamas? — proseguiu Cassilda com as suas perguntas.

— Chicalves — respondeu a creança.

— Chicalves! Nunca ouvi similhante nome — disse Cassilda. — Olha, vem comigo, que n'algum sitio haveinos de dar com a tua casa.

Ao tentar levantar-se, porém, sentiu que a extrema fraqueza lhe não permittia fazer tal, e deixou-se cair de novo sobre o degrau. Parecia-lhe que tudo dançava em volta de si, e mal podia distinguir o rosto da creança que se appro-

Stacey

ximara ainda mais d'ella e lhe afagava as faces com a mãosinha.

— Julgo — disse o pequeno, passados um ou dois minutos — que me perdi por ter fugido de casa na occasião da minha mãe ter saido. Já tenho feito isso mais vezes, e os policias levam-me para casa. Tu tambem tens o costume de fugir?

— Tenho — disse Cassilda, com as lagrimas a borbulharem-lhe nos olhos — e ainda ultimamente fugi ao Bijou.

— Quem é esse Bijou?

— E' um cãosinho que eu estimo muito, e do qual me desfiz para vir servir, mas o caso é que ainda me não foi possivel encontrar casa.

— E não tens medo de andar sósinha? — perguntou o pequenito. — Nunca fugi para tão longe como agora, e por isso estou assustado como não imaginas.

— Fizeste muito mal em fugires para longe de tua mãe. Eu não seria capaz de tal, não, nunca. Estou certa de que está a esta hora n'um grande desgosto por tua causa. Suppõe que não davas mais com ella, e que os policias te levavam para o asylo das creanças abandonadas: que havia de ser de ti?

Ao ouvir estas palavras, ditas por Cassilda n'um tom de meia reprehensão, a creança desatou a chorar em altos gritos, e subiu, a correr, a escadaria, em procura da mãe. Cassilda fez um esforço supremo, e conseguiu subir os degraus que conduziam á ponte, ao mesmo tempo que chamava com todas as forças de que ainda dispunha: «Chicalves! Chicalves!»

Ao chegar ao ultimo degrau, avistou, aos zigue-zagues por entre a multidão, o pequeno personagem de bibe de linho, de cabello encaracollado, e sem chapéu na cabeça. O ar penetrante do rio refrescou-a e deu-lhe forças para continuar no encalço da creança, sempre com o maximo cuidado de não a perder de vista no meio do povo que se acotovellava ao longo da ponte.

CAPITULO V

A primeira casa de Cassilda

Cassilda alcançou, finalmente, o pequeno fugitivo, no outro extremo da ponte, no momento em que elle parara perplexo, sem saber para que lado voltar. Tornou a perguntar-lhe pelo seu nome e morada, mas a creança havia-se esquecido de tudo, e não fazia senão chorar e chamar pela mãe. Segurou-lhe então na mãosinha, e partiu com elle em procura da casa que ficava á esquina de uma rua. Passaram por muitas esquinas, percorreram muitas ruas, e acharam-se por fim, outra vez, nas proximidades da ponte. Cassilda sentia o cançaço e a fraqueza, e, não obstante ser obrigada a andar de vagar, conservava todos os sentidos n'uma vigilante actividade, como se estivesse na floresta e andasse em procura do ninho d'onde caira a avesinha inplume que seus dedos acariciavam. A pequenina, tepida mão da creança fazia-lhe, de alguma maneira, lembrar o tremulo peito do passarinho, palpitante pelo susto, e pareceu-lhe que já não estava sósinha na grande cidade.

Desembocando n'uma rua relativamente socegada, e cujas casas, habitadas agora por gente de poucos teres, tinham sido n'outro tempo habitações de gente endinheirada, Cassilda deparou com um esguio predio de tres andares, tendo cada um d'estes ultimos uma janella apenas, de vidros pequenos, e sendo cada janella guarnecida interiormente por uma cortina que fôra branca mas que os annos haviam tornado amarella. A parede estava ennegrecida pelo tempo e pelo fumo, e os carunchosos caixilhos das janellas desappareciam debaixo de uma respeitavel camada de poeira. Notava-se em todas as casas d'aquella rua uma dolorosa ausencia de vassouras e pincel, mas a casa a que nos temos referido era, sem duvida, a que apresentava peior aspecto. O rez-do-chão era occupado por uma loja, e sobre os vidros de uma janella arqueada, de um feitio antiquado, e em que se viam expostos á venda differentes

objectos de quinquilheria, estava pintada, em descoradas lettras, a palavra «Cabelleireiro.» Na parte inferior da mesma janella havia tambem um letreiro que dizia : «E' aqui o afamado salão de barbear.»

— Talvez me não seja difficil arranjar aqui um logar — pensou Cassilda, mirando de alto a baixo a horrenda frontaria do edificio em questão.

N'este momento, porém, o pequenito desembaraçou-se-lhe da mão, atravessou a rua de uma corrida, e precipitou-se, soltando agudos gritos, para dentro do afamado salão de barbear. Cassilda viu-o logo em seguida acolhido nos braços de uma mulher alta, gorda, de abundante cabello tão loiro como o da creança, e, passados alguns instantes, desappareceram ambos no interior da casa. A pobre rapariga sentiu partir-se-lhe o coração. Havia emprehendido uma tão longa caminhada, a despeito das suas forças exhaustas, e via agora affastar-se o seu companheiro, sem uma palavra de despedida, sem lhe manifestar um de aquelles carinhos de que ella tanto carecia. Approximou-se da janella, d'onde pareciam contemplal-a duas bonecas de marrafas de estopa e olhos de vidro, mas não conseguiu distinguir pessoa alguma dentro da loja. Ia para retirar-se, cabisbaixa e desanimada, quando lhe saltou á vista, fixo á vidraça por meio de quatro obreias, um quadrado de papel, em que se achava escripto o seguinte:

«Precisa-se de uma rapariga com boas referencias. Trata-se n'esta loja.»

Cassilda demorou-se alguns minutos a soletrar as palavras, não obstante estas estarem nitidamente impressas, taes eram as suas habilitações na arte da leitura, e se não fosse o interesse que ella tinha de obter o logar de creada em qualquer casa, desistiria com certeza de similhante, para ella, ardua tarefa. Sentiu-se reviver, ao repetir o annuncio em voz alta, agora sem olhar para o papel; comtudo, assaltou-a um certo acanhamento de entrar na loja, e, chamando a si toda a coragem para o fazer, deu apenas dois passos para além da porta, e ahi ficou até a sua presença ser notada pela mulher alta e loira, que se lhe approximou seguida do pequenito.

—Minha senhora—balbuciou Cassilda—fui eu quem achou o seu menino e trouxe-o debaixo de todo o meu cuidado. Ando em procura de casa para servir, e como vi o annuncio que está lá fóra, lembrei-me de me apresentar.

Cassilda não podia explicar o mau-estar que se apoderara d'ella; as palavras eram cada vez menos distinctas, faltava-lhe a pouco e pouco a luz dos olhos, e sentia-se cair, cair para onde só havia trevas e silencio. O seu ultimo pensamento foi o da morte, e o seu ultimo desejo o de ser sepultada junto da cova de sua mãe.

Quando Cassilda recuperou os sentidos, achou-se deitada sobre um colchão, na casa contigua á loja, e sentiu um forte cheiro a pennas queimadas. Julgou-se, a principio, transportada á barraca da floresta, onde era vulgar um tal cheiro, pois se tornava, muitas vezes, necessario destruir todos os vestigios de alguma ave illicitamente adquirida. Abrindo, porém, com languidez as palpebras, viu junto de si, com os olhos desmesuradamente abertos de espanto, o pequenito que encontrara perdido na rua, emquanto que a mulher loira, ajoelhada ao seu lado, lhe chegava ás *narinas* uma penna a arder. Cassilda quiz levantar-se, mas estava fraca de mais para tal.

—Tenho muita fome—murmurou ella, com um tremulo movimento de labios.—Dizia minha mãe que a fome me havia de ser mais supportavel quando eu tivesse outra edade, mas o caso é que me sinto desfallecer.

Não poude continuar a fallar, e as lagrimas corriam-lhe lentamente pelas faces. Foi-lhe pedido que se conservasse socegada, e Cassilda obedeceu, sem fazer idéa nenhuma do destino que a mulher tencionaria dar-lhe. Quem sabe se iria chamar um policia que a levasse para o asylo das raparigas abandonadas. Viu-a remexer as brazas do fogão, quasi occultas por uma grande quantidade de cinza, accender uma porção de aparas, com o fim de augmentar o calor, e pôr a aquecer uma cafeteira de agua. A cosinha era escura, e apresentava se n'um estado ainda mais decadente, e denotava maior falta de asseio, do que o exterior da casa. A mulher levantava, com a cauda da saia, nuvens de pó que se accumulava no sobrado, e por toda a parte

se lhe prendia a manga do casaco. Cassilda, porém, admirava-lhe todos os movimentos, e sentia-se prompta a dar a sua vida por ella, quando a viu ajoelhar-se de novo junto de si, erguer-lhe a cabeça, e levar-lhe aos labios uma chavena de vivificante chá quente.

— Quem me dera que a senhora me quizesse por sua creada — exclamou Cassilda, olhando anciosamente para ella. — Sei ler, sei coser, e posso ser util em muitas outras coisas tambem, como, por exemplo, limpar o pó e fazer recados. Emquanto a roubar, podia a senhora estar descançada, que não sou capaz de similhante coisa. Havia de viver ainda minha mãe, e a senhora veria que informações ella lhe dava de mim.

Quasi que reteve a respiração emquanto esperava pelo effeito produzido por aquelle elogio de si propria, com poucas esperanças, porém, de ser admittida ao serviço de uma, a seus olhos, tão distincta dama. A mulher não respondeu logo, e pôz-se a observal-a tão minuciosamente, que a fez córar de vergonha com a lembrança da sua apparencia miseravel. Era, sem duvida, uma louca ambição a sua, e em breve se encontraria outra vez nas ruas da cidade, sem ter onde se abrigar. Tal era a excitação de que se achava possuida, que conseguiu pôr-se em pé, e ouvir d'esse modo a decisão da avantajada creatura que estava a seu lado.

— Para cá não serves — disse esta, por fim — és ainda muito pequena, e o trabalho é bastante pesado. Demais, como eu nunca estive sem creada, estou pouco costumada ao serviço domestico, e ficavas assim com tudo ás tuas costas.

— Eu sou mais forte do que pareço — respondeu Cassilda, sentindo renascer-lhe a esperança — e pouca despeza faço com o comer. E' a primeira vez que me vejo tão mal do estomago, por ter comido pouco, e espero que será a ultima.

— E a respeito de referencias, quaes são as tuas?

— Nenhumas, minha senhora. Nunca servi na minha vida — disse Cassilda, desanimando perante esse novo obstaculo.

— Se te sujeitasses só com a cama e mesa, podia ser que te acceitasse durante um ou dois mezes, para experimentar.

— Ah, eu não preciso de ordenado, minha senhora -- exclamou Cassilda.

— Mas precisas de arranjar outro fato — retorquiu a dona da casa. — Que tens tu ali n'aquella trouxa?

— E' o vestido de minha mãe — respondeu a pequena, desdobrando-o com todo o cuidado, e expondo-o ao exame da sua recem-patroa.

— D'aqui pode-se fazer um para ti — disse esta. - Fica por minha conta o talhal-o, mas tu has-de cozel-o com a tua mão, uma vez que o sabes fazer. Tens essa cabeça pouco decente, mas depois do Alves te cortar o cabello, has-de parecer melhor.

Cassilda sentiu-se dominada por varias emoções ao escutar as precedentes palavras. Pouco se lhe dava que lhe cortassem os desgrenhados cabellos, pois quasi todos os invernos soffria essa operação ao ser obrigada a procurar refugio no albergue, e habituara-se a ella; mas o que lhe custava muito era ter de desmanchar o vestido da mãe, unica recordação que da mesma lhe restava. Não se atrevia, comtudo, a fazer objecção alguma, e, illudindo a resposta por que sua ama esperava, exclamou:

— Podem cortar-me o cabello quando quizerem; quem é esse tal Alves?

— O sr. Alves — respondeu a ama, n'um tom severo e cheio de dignidade — é o teu patrão. Eu sou a senhora do sr. Alves, e este menino, que se chama Francisco Alves, é nosso filho. Ha tambem o sr. Alves velho, que vive no primeiro andar, do lado detraz, e a quem has-de egualmente prestar alguns serviços. No que eu insisto, sobretudo, é em que nos trates sempre com o devido respeito. Os nossos nomes são: o sr. Alves, a sr.ª D. Joaquina e o menino Chico; e quado te mandarmos fazer seja o que fôr, deves dizer: «Sim, meu senhor, sim, minha senhora.» Não te esqueças.

— Esteja descançada, minha senhora, que não me esqueço — disse Cassilda, corroborando as palavras com um

pequeno movimento da mão. Parecia-lhe agora que a sua senhora já lhe havia notado a sua falta de maneiras delicadas, mas quem lh'as poderia ter ensinado na floresta?— Eu peço desculpa, minha senhora — continuou ella — da minha fraca educação. Tenho vivido com meus paes na floresta, e só no inverno é que me trouxeram algumas vezes á cidade. Minha mãe, que serviu em nova, era quem me dava de quando em quando uma pequena lição de bons costumes. Affianço-lhe que farei todo o possivel por ser uma boa creada, minha senhora.

— Bem, veremos isso — replicou D Joaquina. — Pouco trabalho exigirei de ti hoje, em razão do teu estado de fraqueza. Vem comigo lá acima, para te mostrar o sitio onde has de dormir.

Ser-lhe-hia finalmente proporcionada uma verdadeira cama? Cassilda, precedida pela ama, subiu uma escada, empinada, escura e estreita, que conduzia ao primeiro andar.

CAPITULO VI

A terra de Beulah

O quarto que D. Joaquina tinha alugado no dito andar, era pequeno e sombrio, e ficava n'um recanto formado por duas altas paredes exteriores que mal permittiam a entrada do ar e da luz. Podia-se quasi dizer que o unico movel d'esse quarto era uma cama de cortinados, sobre a qual estava deitado um homem bastante edoso, cuja pallida e mirrada face, formando papeira junto ao queixo, foi a primeira coisa que Cassilda viu ao entrar atraz de sua ama. Havia alguns enfeites no aposento, entre os quaes se contavam, sobre a pedra do fogão, tres modelos de cabelleira, a que pertenciam umas caras de cera que estavam por acabar, e pelas paredes uns poucos de deteriorados quadros, bellos sem duvida n'outros tempos, e outros tantos vistosos annuncios de artigos que provavelmente o *sr. Alves* vendia no seu estabelecimento. A atmosphera do quarto estava saturada de um fortissimo cheiro a sabonete, pois que todo

o fornecimento da loja estava armazenado n'uma caixa que servia de escrevaninha, sobre a qual se via um espelho rachado, n'uma moldura já sem brilho. Um pequeno colchão, coberto de um remendado lençol, que se achava a um canto do quarto, foi mostrado a Cassilda como sendo a sua cama de ahi em diante.

— O velho sr. Alves costuma acordar muitas vezes durante a noite — disse em seguida D. Joaquina — e as creadas dormem n'este mesmo quarto, para lhe acudirem de prompto, caso precise de alguma coisa. Deves fallar-lhe com aspereza, como farias a uma creança a quem quizesses impôr respeito, porque pela sua muita edade está um perfeito idiota. Olha para a cara d'elle: quem seria capaz de dizer que elle está acordado agora?

Cassilda olhou com curiosidade para o velho que tinha os olhos fechados e apresentava um semblante tão calmo e tranquillo como o de uma creança profundamente adormecida. Não fizera um unico movimento desde que as duas haviam entrado no quarto, posto que D. Joaquina fallasse em voz bastante alta para o despertar, se estivesse na sua mão fazel-o.

— E' sempre assim quando eu aqui entro — exclamou ella, com mal abafada colera. — Diz uma ou outra coisa a meu marido, e com o menino Chico está horas e horas a conversar, mas para mim nunca tem uma palavra ou um olhar. Entrego-t'o completamente nas tuas mãos; tem cuidado d'elle como de uma creança de poucos mezes.

— Fique descançada, minha senhora, que o farei — respondeu Cassilda em voz baixa, pois não se podia capacitar de que o velho estivesse acordado. Sentia um certo medo d'elle, e quando D. Joaquina se retirou depois de lhe ordenar que se deixasse ficar no quarto, afim de recuperar pelo repouso. as suas forças perdidas, sentou-se na borda do colchão, e poz-se a olhar para o decrepito rosto do invalido, com o mesmo temeroso respeito com que contemplou, durante quasi uma noite inteira, o rosto de sua defunta mãe. Estava prostrada de fadiga, mas preferiria achar-se em baixo, com D. Joaquina e o pequeno Chico, a achar-se ali sósinha com uma creatura immovel e silenciosa, e quem

sabe se entregue a um somno de que se não acorda jámais. Enrollou outra vez o vestido, e escondeu-o no regaço, receiando a cada momento que a patroa lh'o viesse pedir para o desmanchar.

— Olá! — ouviu ella exclamar em voz meiga, na occasião em que começava a escabacear—cá temos mais uma peregrina, com o seu pequeno fardo!

Cassilda despertou immediatamente, e ergueu a cabeça. O velho havia-se voltado para o lado d'ella, e n'ella fixava com persistencia os encovados olhos azues. Um sorriso placido lhe animava o semblante, e com uma das mãos, tremula e enrugada, indicava á creança que se approximasse. Cassilda não obstante sentir o coração aos pulos, não deixou de obedecer.

— O senhor precisa de alguma coisa? perguntou ella.

— Não, não preciso de nada — respondeu o velho. — Estou tão sómente á espera do mensageiro que me ha de conduzir. Vejo que não passaste ainda da porta, e que conservas por emquanto o teu fardo. Mas que pequeno que elle é! O meu era bem differente, oh, se era! E's uma peregrina muito novinha, e eu era já um homem feito, que vergava ao peso de uma carga pesadissima. Hão-de alliviar-te d'esse fardo, rapariguinha, quando chegares ao pé da cruz; crê no que te digo.

— Mas, senhor — interrompeu Cassilda — eu não quero ficar sem elle, porque é o vestido que pertenceu a minha mãe.

— Hão dar-te outro, socega. Quando te sairem ao encontro os *resplandecentes*, dir-te ha um d'elles: «Os teus peccados te são perdoados,» emquanto outro te despojará dos farrapos, cobrindo-te de vestes sem mancha, e um terceiro te collocará sobre a fronte uma corôa refulgente. Serás lavada no rio que nasce da cruz, e ficarás, d'esse modo, em estado de compareceres nas bodas do Cordeiro.

— E deixar-me-hão conservar em meu poder o vestido de minha mãe?—perguntou Cassilda, com as lagrimas nos olhos.

— Quem pode informar-te d'isso é o *interprete*. Has de passar por casa d'elle, antes de chegares á cruz. Dize-lhe

que te mandei fazer essa pergunta. Elle conhece-me, apezar de ter já decorrido bastante tempo depois que estive com elle. Dize-lhe que a minha peregrinação tem sido feita á custa de muita dôr, mas que me fortaleceu sempre o saber que a amargura deve vir antes da doçura, afim de tornar esta mais doce. Lembra-lhe o meu nome, e dize-lhe que os filhos da cidade me trazem ramilhetes do jardim do Rei, e que o meu quarto está cheio do perfume do incenso, da myrrha e da cacia. Conta-lhe, tambem, que oiço de continuo o canto dos passaros, e que os *resplandecentes* veem muitas vezes conversar comigo. Ainda mais, já me foi dado ver as portas e as ruas da *cidade*, calçadas de oiro, de perolas e de pedras preciosas. Não te esqueças de dizer todas estas coisas ao *interprete* quando estiveres com elle.

— Mas como posso eu saber se me encontrarei algum dia com esse tal *interprete*?

— Has de passar forçosamente por casa d'elle. E' certo que *Fiel* não o procurou nem sequer o viu, mas as mulheres e as creanças se detiveram muitos dias com elle, e foram depois, acompanhadas por *Boa vontade*, para o *Palacio Bello*. Não te ha de deixar passar sem conversar um bocado comtigo, e n'essa occasião não te descuides de lhe dares o meu recado.

— Fica combinadinho, mas de aqui até lá não me dôa a mim a cabeça. Sou agora a creada da casa, e espero conservar-me bastante tempo, se a sr.ª D. Joaquina quizer continuar comigo, passado o mez de experiencia. No entretanto, estou ao seu dispôr para qualquer coisa.

— Já te disse que não preciso de nada. Tenho tudo e com abundancia. Só me resta esperar que venha o que me ha de conduzir á brilhante cidade. Logo que elle chegar, seja de madrugada, seja á meia noite, deves trazel-o á minha presença. Levantar-me-hei então d'esta cama, sairei d'este aprazivel quarto, e terei de atravessar o rio para entrar na mansão da gloria. Virão depois ao meu encontro os musicos do Rei, todos vestidos de branco, fazendo soar as suas trombetas, e os sinos da cidade repicarão alegremente. Livra-te de fazeres esperar o enviado do Rei.

— Não faço, ora essa! — exclamou Cassilda, com muita

seriedade. — Quem me dera estar lá tambem, para ver essas coisas tão bonitas.

— E' provavel que não presenceis a minha chegada a essa cidade, mas se fôres uma verdadeira peregrina, se te cair dos hombros o fardo, e se te adornares com as vestes brilhantes, o mensageiro te virá buscar tambem um dia. Atravessarás o rio, chegarás á cidade, soarão as trombetas, repicarão os sinos, e lá estarei eu á porta para saudar a tua entrada. A' minha é que tu naturalmente não assistes.

— Será verdade — disse Cassilda, olhando attentamente para o rosto do velho, e sentindo-se impressionada pelo tom seguro com que elle fallava — será verdade tudo o que tem estado a dizer?

— E' a pura verdade — replicou elle, sorrindo. — Começaste agora a tua peregrinação, e mal pozeste ainda os pés a caminho. Espera até chegares a casa do *interprete*, e da bocca d'elle ouvirás então tudo de uma maneira mais clara. Vieste pela porta estreita, não é assim?

— Vim, vim — gritou Cassilda — Quando me separei hontem do tio Simão, atravessei ainda um pedaço da floresta, e sahi pela porta estreita que deita para a estrada. O caminho é, a principio, um pouco custoso de andar, mas é depois tão macio que até se anda por gosto.

— E' tal qual como a estrada que leva ao reino sempiterno. Os viajantes, mesmo os de pouco tino, não correm o risco de se desviarem d'ella; não se depara com leões n'essa estrada, não, nem leões nem quaesquer outras feras devoradoras se encontram jámais n'ella.

— N'isso não ha mentira, não — retorquiu Cassilda — não encontrei nem leões nem qualquer outro animal dos que matam a gente, e vim parar direitinha ás ruas da cidade sem me ter enganado uma unica vez no caminho. E o que tem mais graça é que, ainda que me perdesse, não me perdia, porque, na verdade, eu vinha sem um destino certo. Afinal de contas sempre arranjei um logar, e estou muito contente por assim ter acontecido.

— O proprio Rei declarou que ia apparelhar-te um logar no...

— Ah, isso agora é brincadeira — interrompeu Cassilda dando uma risada — está a contar me historias. Como era possivel tal coisa, pois se o Rei nem me conhece? Eu sou uma pobre rapariga do campo, e elle nem sabe que existo. O senhor está-se divertindo á minha custa.

— Escuta! — segredou o velho, voltando-se outra vez para a parede, fechando as palpebras e tomando a attitude de uma pessoa que está dormindo.

Cassilda ouviu que a chamava de baixo uma voz aguda, e depois de se deter um momento em frente do espelho, a cofiar os emmaranhados cabellos, respondeu ao chamamento de sua ama.

CAPITULO VII

O valle das sombras

Cassilda, quando se estendeu sobre o colchão n'aquella noite, tinha uma vaga idéa do momento em que ella e Bijou haviam abandonado a barraca da floresta, como se desde esse momento houvessem decorrido muitos annos.

O tio Simão, com o seu corpo arqueado, com o seu olhar duro, sua cara cheia de rugas, desapparecia tambem nas brumas de um passado que parecia não ter relação alguma com o tempo presente. Cassilda estava finalmente a servir, conseguira o que desejava, e custava-lhe agora a crer ter sido ella propria quem, poucos dias antes, andava pela floresta a apanhar cavacos para accender o lume. Sentia-se tão feliz, tão orgulhosa com a sua posição actual que era Bijou a unica coisa de que ella se lembrava com saudade. O dono da casa, homem ainda novo, fallava tão alto e tinha uma maneira tão imperiosa que a acobardou um pouco e lhe fez lembrar o director do albergue nocturno que era, para ella, o personagem mais antipathico do mundo todo. Apezar do patrão lhe chamar *formiga* e *aranha*, Cassilda viu-se logo de principio a braços com um trabalho que era sem duvida superior á sua edade e ás suas forças, e só por volta das onze horas é que lhe deram or-

dem de se deitar. Ella, comtudo, acceitava tudo aquillo como natural, e movia de melhor vontade de um lado para o outro, os seus pésinhos cançados. Havia chegado ao cume da montanha appetecida, e, posto que n'elle houvesse, como em todas as grandes alturas, uma boa dose de decepção e amargor, o enthusiasmo do momento não lhe permittia reparar, por emquanto, em tal coisa. Eil-a agora uma criada, como sua mãe fôra n'outro tempo. Que grato pensamento! O colchão não era mais macio do que o mólho de palhas da barraca da floresta, mas não estava como estas impregnado de uma perigosissima humidade, e demais, quer fosse macio quer não, o caso é que Cassilda, apenas encostou a cabeça ao travesseiro, cerrou os olhos e caiu n'um somno que não conhece sonhos. Passado algum tempo, porém, chegaram lhe aos ouvidos certos sons estranhos, como gemidos e gritos de soccorro; tentou então, mas debalde, levantar-se e indagar do inesperado acontecimento, até que ouvindo os mesmos sons por detraz de si, saltou de um pulo para fóra da cama, tomada de um susto enorme.

O quarto recebia alguma claridade de um lampeão que havia na esquina da rua, e o luar, entrando pela janella desguarnecida de cortinas, illuminava melancholicamente a decrepita cabeça do velho que estava meio sentado na cama, sustendo-se n'um dos braços, e exclamava em tom de lamentação: «O' Senhor, eu te supplico, salva a minha alma.» Repetiu umas poucas de vezes este afflictivo grito, até que Cassilda, não o podendo já ouvir por mais tempo, chamou pelo seu companheiro de quarto, n'uma voz que denunciava bem o medo de que a creança se achava possuida.

— O que é que o senhor tem? Precisa de alguma coisa?

— Quem me falla? — gritou o velho, sobresaltado, e calou-se á espera da resposta.

— Quem ha de ser senão eu, a Cassilda, a nova creada cá de casa? O senhor tem alguma coisa que o afflija?

— E's tu a pequena peregrina que ainda agora me mostrou o seu fardosinho?

— Pois sou, sim, meu senhor. Que precisa de mim?

— Tu não vês as chammas do abysmo?

— Eu não, senhor—exclamou Cassilda, olhando toda tremula em volta do quarto.

— Nem os espectros, nem as furias?

—Não, senhor — disse a pequena, sentindo arrepiarem-se-lhe os cabellos.

— Mas vejo-as eu — exclamou o velho, soltando um doloroso gemido. — Estou a atravessar o Valle das Sombras da Morte, rodeado de uma grande multidão, e acabam de me dizer que o Rei vae mandar fechar as portas para que eu não entre na cidade. Induzem-me a blasphemar de Aquelle a quem ama a minha alma. Querem perder-me, querem roubar-me as minhas joias, querem apossar se da minha propria alma. Não haverá ninguem que me acuda? Soccorro! soccorro!

Posto que fosse indiscriptivel o terror que se apossara d'ella. Cassilda abandonou, não sem algum esforço, a idéa de tapar a cabeça com o lençol para não ouvir aquellas tetricas phrases. e approximou-se, descalça, do leito do invalido, procurando corajosamente descobrir as phantasticas creaturas que elle affirmava ver. A unica coisa que ella distinguia, que podesse metter medo, eram as caras de cera das cabelleiras modelo, que pareciam estar observando tudo o que ella e o velho diziam e faziam.

—Não se assuste tanto — disse Cassilda, tranquilizando-o, —não está aqui mais ninguem senão eu, a nova creadinha. Deixe-me ver a mão. Tem-n'a fria de gelo.

— Que fazes tu aqui n'este valle, sem teres ido primeiro a casa do *interprete?*

— Ora esta! Nenhum de nós saiu ainda d'este quarto. O senhor teve um sonho mau. Acontecia-me isso bastantes vezes, quando adormecia em seguida a alguma tareia de meu pae. Se eu fosse o senhor, sabe o que fazia? Começava a pensar no que ainda agora me disse, a respeito do Rei o mandar buscar. E' uma historia tão bonita!

— Pois tu não vês aquelle bando de furias que se dirige para mim? — perguntou elle, apertando-lhe a mão com tanta força que a rapariga por pouco não soltou um grito. —Não ouves o barulho que ellas fazem nas suas arremettidas para me derrubarem e passarem por cima de mim?

Apollyon está por detraz d'ellas, e arroja-as para este lado. Oh, tomara já que seja dia!

Cassilda applicava o ouvido para ver se distinguia qualquer som, e olhava em volta de si aterrorisada, apezar de quasi convencida de não haver motivo algum para terror. Não, a vista nada descobria, reinava absoluto silencio, mas o velho começou outra vez a gritar e a gemer, mostrando sentir tão amarga afflicção que a rapariga desistiu de o tranquillizar.

—Já aqui esteve alguem antes de mim?—perguntou ella.

—Já! Milhares de milhares de peregrinos como eu, e além d'isso, o proprio Rei dos peregrinos. Elle não nos conduz por parte alguma onde não tenha já estado. Quando, porém, qualquer mulher ou qualquer creança tem de atravessar o valle, Elle manda-lhe, como guia, o Boa Vontade, e proporciona-lhe o gozo de um prazer sem egual. Quando te couber a vez de passar por esse valle, has-de ver o pastorinho a apascentar as ovelhas de seu pae, e has-de ouvil-o cantar.

—Mas como isso é bonito!—exclamou Cassilda—ainda é mais bonito do que as palavras que as senhoras me ensinaram. Como a minha mãe havia de gostar de ouvir estas coisas! Aprendi o «Pae Nosso» e o «Creio em Deus Todo-podoroso» mas d'este ultimo só me lembra o principio.

—Continúa assim: «E em Jesus Christo, seu unico Filho» —murmurou o velho.

—E' isso, é!—disse Cassilda, batendo as palmas.—Está-me parecendo que o senhor sabe o «Creio em Deus» todo de cór.

—Esse seu unico Filho é que é o Rei dos peregrinos. E' tão bom, que condescendeu em vir á terra, sujeitar-se a uma ardua peregrinação, afim de ficar conhecendo todos os pontos do caminho e todos os perigos que possam encontrar-se. Passou pelo escuro valle que agora atravesso, e devo seguil-o para onde quer que Elle vá. «Pois ainda quando andar no meio da sombra da morte, não temerei males, porquanto tu estás comigo. A tua vara e o teu baculo elles me consolaram.» (Psalmo 22 : 4)

—Deite-se, agora, vamos—disse Cassilda carinhosamen-

te; — deixe-me tapal-o bem com a roupa. Pobre senhor! está frio como uma pedra! O Rei ha-de enxotar do pé de si essas furias que tanto lhe teem dado que fazer, e portanto veja se adormece descançado.

O velho, porém, não lhe largou a mão, e ella deixou-se ficar, a tremer de medo e de frio, até ao momento em que os descarnados dedos, distendendo-se, a deixaram livre. Reparou então á debil claridade do quarto que elle tinha os olhos quasi completamente fechados, e affastou-se socegadamente de junto do leito, deitando-se de novo sobre o colchão. O somno, porém parecia tel-a abandonado, agora que no cerebro se lhe accumulava uma multidão de desordenados pensamentos.

CAPITULO VIII

Como se chamava o Rei-Peregrino

Cassilda, afinal de contas, não tivera a felicidade de acertar com boa casa. D. Joaquina passava, pode dizer-se, os seus dias sentada ao pé do fogão, ou, quando o tempo estava quente, por detraz do mostrador da loja, a lêr n'esses semanarios baratos que inserem romances de grande sensação, em que figuram sequestros e assassinios, e em que se narra por miudos a vida particular da alta sociedade. O trabalho da casa estava inteiramente ás costas da *formiga*, que não parava desde a manhã até á noite, mas que, não obstante a pouca pratica que tinha das suas numerosas obrigações, lhes fazia frente com o maior denodo, e, sempre de cara alegre, trabalhava tanto como uma rapariga que tivesse o dobro da sua edade. Não tinha a mais leve noção de que lhe estavam abusando das forças, nem jámais lhe passava pela mente a idéa de um dia de descanço, e quando D. Joaquina, desistindo de lhe desmanchar o vestido da mãe, cortou um dos seus e o ajustou ao corpo d'ella, sentiu-se amplamente paga dos serviços que havia prestado até então, e com o dever de redobrar os seus esforços. Era, além d'isso, escrava dos menores caprichos do pequeno Chico Alves, e acreditava firmemente

não haver, em toda a cidade, creança mais interessante e amavel.

Cassilda não tinha necessidade de fatos para a rua, pois nunca sahia de casa, a não ser á taberna da esquina avisar o patrão de que acabava de entrar um freguez no *salão de barbear*. Eram tão raros esses freguezes que o Alves achava desnecessario estar na loja á espera d'elles, tendo de mais a mais uma taberna tão convenientemente collocada ao pé da porta, e sendo tão apreciada a sua companhia pelos frequentadores da mesma. A rapariga tinha cada vez mais medo d'elle, e quasi nunca se atrevia a fallar na presença de um tão temivel personagem. Elle condescendia em dirigir-lhe, quando se achava de bom humor, um ou outro gracejo pesado, e, ao voltar embriagado, era quasi sempre contra ella que se enfurecia, de preferencia á mulher, pois que esta já por mais de uma vez o havia feito bater em retirada. Cassilda, comtudo, não se mostrava resentida; habituara-se, desde pequenina, a presenciar aquellas scenas, e, segundo o seu modo de ver as coisas, as mulheres e as raparigas existiam sómente para aturar os homens. Era isto um facto tão simples, tão evidente, que não constituia para ella mysterio algum.

O coração de Cassilda, porém, pertencia quasi exclusivamente ao velho enfermo, isolado no quarto da cama, e a quem ninguem visitava á excepção d'ella e do Chico. N'um domingo á tarde, em que os dois esposos, acompanhados do pequenito, tinham ido dar o seu passeio, deixando a loja fechada, achou-se ella com algumas horas de ocio á sua disposição, e, subindo ao primeiro andar, empregou-as em ler o maravilhoso livro que continha uma exacta narração de tudo aquillo que o velho costumava referir-lhe. Havia-lhe parecido, até então, um pouco duvidosa aquella historia, mas desvaneceram-se-lhe todas as duvidas ao vel-a impressa n'um livro, e ao contemplar as gravuras que lhe representavam vividamente a Cidade da Destruição, a porta estreita, que fazia lembrar a que existia na floresta e que abria sobre um certo atalho, a cruz, junto da qual o peregrino se sentia alliviado do seu fardo, o mesmo peregrino dormindo no caramanchel, e o terrivel Valle das Som-

bras da Morte. Era d'este valle das sombras que ella estava mais bem informada. O velho não cessava, em todo o dia, de fallar na aprazivel terra de Beulah, encarecendo as visões que gozava, da Cidade Celestial, e os cantos de alegria que lhe soavam aos ouvidos, mas apenas escurecia, e se estabelecia o silencio da noite, tornava elle a mergulhar no Valle das Sombras da Morte, e recomeçava a lamentar-se dos tormentos que a terrivel hoste dos espiritos maus lhe inflingia. Apezar de muito fatigada da lida do dia, Cassilda não deixava nunca de se levantar e fazer companhia ao pobre velho, quando os terrores d'este chegavam ao seu auge; e muitas vezes, a despeito da frialdade da noite, sentava-se-lhe ao lado da cama, e animava-o fazendo-lhe lembrar o inapreciavel bem-estar que o esperava além do valle. Parecia-lhe evidente, emquanto a ella propria, ser cedo de mais para pensar em tal peregrinação. Não havia ainda deparado com o *Evangelista*, e o Rei não lhe enviara ainda mensageiro algum a dizer-lhe que partisse. Que ella não contava com similhante recado da parte do Rei, em razão da nenhuma importancia da sua pessoa, mas podia ser que *Evangelista* se encontrasse algum dia com o Alves, ou que *Secreto* trouxesse alguma carta para D. Joaquina, e que ella, Cassilda, os acompanhasse então na qualidade de creada, como *Misericordia* acompanhou *Christã*. O fardo do Chiquinho leval-o-hia ella juntamente com o seu, e ajudaria o pequenito a atravessar o *Pantano dò Desanimo*, pois que adquirira na floresta uma grande pratica de caminhar sobre os lameiros.

Até o tio Simão havia de partir immediatamente, caso tivesse conhecimento de todas estas coisas, e o Rei se não importasse de o acceitar como peregrino. Interrompia ás vezes qualquer trabalho que estivesse fazendo, para perguntar a si mesma, cheia de inquietação, se um homem tão aleijado e disforme como o tio Simão poderia vencer as difficuldades e os perigos do caminho. Ainda se ella podesse acompanhal-o, e prestar-lhe todo o auxilio possivel!

— Como se chama o Rei? — perguntou ella em certa tarde de domingo, suspendendo a leitura que tanto a interessava.

— Emquanto peregrino chamava-se Jesus Christo, mas tem agora um outro nome que só nos será dado saber quando o virmos face a face. «Chamal-o-has por nome Jesus, porque Elle salvará o seu povo dos peccados d'elles»

— E uma creadinha como eu, pode tambem ser salva por Elle? perguntou Cassilda, anciosamente.

— Já se vê que pode. Elle mesmo tomou sobre si o logar de servo. Cair-te-ha dos hombros o fardo, ao avistares a cruz, e vêl-o-has rebolar, rebolar, até chegar á sepultura do Rei, onde todos os fardos ficam enterrados pelos seculos dos seculos.

— Que grande sepultura deve ser então essa! — exclamou Cassilda.

— Ah! sim, bastante larga e funda para n'ella caberem todos os nossos peccados e tristezas — respondeu o velho, alegremente — posto que pequena de mais para o Rei da Gloria. Nada receies, Cassilda; ha de chegar o dia em que vejas a cruz, e tudo te succederá bem. Não queiras assimilhar-te a *Medrosa* filha de *Pouca Fé*. Nada ha no nosso Rei que infunda temor.

— E parece-lhe que o tio Simão terá licença do Rei para entrar na Cidade? — perguntou Cassilda.

— É tambem algum peregrino, esse tio Simão? — inquiriu o velho.

— Não é, não, senhor; é um pobre aleijado que mora lá na floresta. Não anda em muletas como o nosso conhecido *Vacillante*, pelo motivo de ter bastante força nas pernas, mas estas são tão tortas e curtas, que o pobresinho do homem anda quasi de gatinhas. É para mim ponto de fé que elle não seria capaz de atravessar o *valle* e subir pelo *Monte da Difficuldade*. Como o senhor me disse ha pouco, o Rei não rejeita qualquer creatura que se apresenta nas minhas condições, e por isso é de crêr que o não rejeite tambem a elle, e, quem sabe, talvez que até consentisse em que eu o acompanhasse e o ajudasse a vencer os bocadinhos mais difficeis. Seria preciso dirigir-lhe de vez em quando uma palavra que o animasse, porque quasi toda a gente se mette com elle, dando-lhe assim logar a um constante mau humor. Mas o essencial era que o Rei desse

o seu consentimento, que o resto ficava por minha conta.

— E elle, está disposto a fazer-se peregrino? — perguntou o velho.

— Estou em dizer que nunca ouviu fallar em similhante coisa. Nós, os da floresta, somos uns ignorantões. Que diz? Parece-lhe que *Evangelista* se dignaria conversar com elle? O tio Simão é um pouco comparavel a *Christão*, antes de este se encontrar com *Evangelista*. Tenho-o observado muitas vezes, quando elle suppõe que ninguem o vê, com um livro na mão, e a chorar; n'outras occasiões tenho dado com elle, sentado, com a cabeça deitada para diante, e a fallar sósinho. Eu ficava quasi sempre tão triste, que me punha tambem a chorar, mas nunca me atrevia a tornal-o sciente da minha presença.

— Pois podes estar certa de que mais tarde ou mais cedo o Rei lhe ha de mandar *Evangelista* — disse o velho, ao notar a commoção de Cassilda.

— Ou talvez me mande a mim — respondeu Cassilda, promptamente — quando chegar o momento da minha peregrinação. Pouco tempo se perde em ir á floresta, e o tio Simão não deixa nunca de lá estar no verão, com a sua carroça. A presença de *Evangelista* havia de o intimidar, coitado, emquanto que comigo, como me conhece perfeitamente, estará mais á sua vontade. E' verdade; e o Bijou? Poderá tambem ir comnosco? O livro nem sequer falla em cães; e demais, como se faria comprehender a uma tal creatura o fim que tinhamos em vista? Qual é a sua opinião a esse respeito?

— Supponho não ser muito facil a admissão do Bijou — principiou por dizer o velho, um tanto convencido de que o espirito de Cassilda, divagava, como o d'elle, pelo mundo da phantasia. E depois disse comsigo mesmo: — A rapariga não sabe bem o que está a dizer, mas o caso é que me fez uma pergunta a que não posso responder facilmente. Emfim, não pensemos mais em tal, para não nos irmos prender no *Castello da Duvida*.

Cassilda continuou a sua leitura, e o velho continuou a escutal-a em silencio, pairando-lhe sobre a fronte, porém, geralmente tão serena, uma nuvem de perplexidade e in-

quietação. Movia os olhos em todas as direcções, como se andasse á procura de alguma coisa, passava nervosamente as mãos por de sobre o cobertor, e foi só quando Cassilda fechou o livro, e se pôz a cantar, n'uma voz inculta, mas muito bem timbrada, a canção do pastorinho do *Valle da Humilhação*, que elle readquiriu a sua tranquillidade e alegria habituaes.

CAPITULO IX

Uma desapparição mysteriosa

Se os moradores do bairro favoreceram n'algum tempo com a sua freguezia o afamado salão de barbear, foi com certeza, antes da vinda de Cassilda. Os poucos que ainda restavam, os seus clientes, como o Alves lhes chamava, iam desapparecendo agora tambem, a um e um, enfastiados da demora a que eram obrigados a submetter-se emquanto alguem ia previnir o mestre á taberna da esquina. Uma tal deserção dos seus freguezes, enchia-o de raiva e indignação, e era sempre a pobre Cassilda quem soffria as consequencias. Quando elle chegava á loja, depois de terminar o discurso que estava proferindo, ou de despejar o copo cujo contheudo estava saboreando, e via que se tinha retirado, farta de esperar, a pessoa que o mandara chamar, desabafava com um puxão de orelhas na rapariga, accusando-a de o ter interrompido sem causa justificada. Esses puxões de orelhas, porém, serviam-lhe de desabafo, mas não lhe faziam apparecer o dinheiro na gaveta, e a ruina da casa estava imminente. O dinheiro ia-se tornando cada vez mais escasso, e se não fossem os objectos de quinquilheria, e os perfumados sabonetes, que D. Joaquina ia vendendo, já se teria luctado com a falta de pão.

Estavam as coisas n'este pé, quando o Alves travou relações com um agente de emigração, o qual, julgando-o dotado de uma intelligencia não vulgar, e suppondo-o solteiro, como elle tinha por costume inculcar-se, offereceu-

lhe passagem gratuita para um dos estados da America do Sul. Era-lhe difficil resistir a tão forte tentação. Um futuro brilhante, prompto a cair-lhe aos pés, qual fructo sazonado, o esperava do outro lado do Atlantico, emquanto que d'este a miseria o havia alcançado, em seus passos agigantados, e lhe começava a apertar as guellas com garras de ferro. Considerou então que o melhor seria partir secretamente, sem dizer nada a ninguem, e mandar depois ir a mulher e o filho quando tivesse já feito a sua fortuna. Acudia-lhe em seguida á idéa que a mulher não era merecedora de que elle pensasse n'ella, e attribuia-lhe toda a sua desgraça, pois havia já muitos annos que não se dava ao menor trabalho por lhe tornar agradavel o lar domestico, fazendo assim com que elle se ausentasse por fóra, descurando os seus negocios. Passava dias inteiros sentada ao pé do fogão, que a maior parte das vezes já não tinha senão cinza, sem se importar com a poeira e immundicie da casa, e interessada tão sómente nas peripecias amorosas das heroinas de romance. Haviam-n'a abandonado os dois principaes dotes com que ella o attrahia: a belleza da cara, e o desembaraço das mãos. Porque não procuraria elle ver-se livre de tão indigna creatura?

Não tinha muito tempo á sua disposição para pensar no passo que ia dar, para o considerar debaixo de todos os pontos de vista, pois que o vapor estava já fretado, e dentro em poucos dias partiria para o Novo Mundo. Não lhe era, comtudo, difficil o chegar a uma conclusão, sabendo, como elle sabia, que tinha tudo a ganhar expatriando-se, e que, pelo contrario, se ficasse, ou tinha de reformar completamente o seu modo de vida, ou em breve se acharia no ultimo degrau de uma vergonhosa indigencia. Contou, então, á mulher uma historia romantica, uma d'aquellas historias por que ella dava o cavaco: disse-lhe que partia para uma certa cidade visinha, onde ia encontrar-se com um amigo que acabava de voltar da India, onde fizera uma enorme fortuna, e o qual estava ancioso por vel-o e fazel o participante de uma boa parte de seus bens.

D. Joaquina ordenou a Cassilda que arrumasse a roupa do patrão n'uma velha mala de tapete, e elle não apresentou objecções a essa ordem; apanhando, porém, a mulher entretida com outras idéas, tratou de encher um enorme bahu com diversos objectos, que lhe pareceram convenientes, e no dia seguinte, antes de D. Joaquina pedir que lhe levassem o almoço á cama, chamou uma carroça, e mandou o dito bahu para a estação. Cassilda ajudou o carroceiro a transportal-o até á porta da rua, emquanto o Alves, de mãos nas algibeiras, dava largas ao riso ao ver a boa vontade que a pequena tinha de lhe ser agradavel.

Nos primeiros dias depois da partida do marido, D. Joaquina mostrava-se satisfeitissima, bemdizendo aquella ausencia que lhe permittia uma leitura sem interrupções inopportunas. O Alves enviou-lhe uma carta, da cidade onde havia de se realisar o embarque, fazendo-lhe uma tão enthusiastica descripção da extraordinaria riqueza e generosidade do amigo, que a mulher viveu n'um completo sonho durante alguns dias. Não pensava senão em ricos vestidos, em carruagens sumptuosas. Não seria por certo, menos cortejada do que certas heroinas dos romances que havia lido. Agora é que iam brilhar a sua formosura e o seu esplendido cabello, aquelle cabello que o Alves não deixava de gabar, mesmo em occasiões de azedume contra ella, aquelle cabello que o havia enfeitiçado desde a primeira vez que elle a vira. Qual das coisas lhe ficaria melhor ao parecer, perguntava ella, perolas ou brilhantes?

Foram se-lhe derrocando, porém, esses castellos armados no ar, á medida que o carvão se lhe acabava, e lhe iam faltando outros artigos indispensaveis á economia domestica. A carta que enviara em resposta á do marido, foi-lhe devolvida, passado algum tempo, com a seguinte nota no sobrescripto: «Não é encontrado o destinatario.» Tornou depois a escrever, uma e outra vez, mas todas as suas cartas lhe vinham parar ás mãos da mesma fórma. O unico prazer que lhe restava agora era o de pensar que ao fio da sua existencia se havia prendido uma pontinha de mysterio.

— É um caso verdadeiramente mysterioso — dizia ella para Cassilda, que a escutava com muita attenção, apezar de lhe serem incomprehensiveis a maior parte das palavras — Faz-me lembrar o «Conde de Monte Christo.» Recebo de meu marido a noticia de que vive no meio do fausto e da grandeza e... é tudo quando sei d'elle. Depois d'isto nada mais me consta.

— Quem sabe se elle se quiz ver livre da senhora? Lá na floresta é costume os homens fazerem d'essas proezas, mas depois a policia dá com elles, e obriga-os a voltar para suas mulheres e filhinhos. Então é que é vêl os a pegar por tudo em casa, os patifes! Meu pae lembrou-se um dia de se raspar tambem, e bastante pancada levámos d'elle, depois da justiça nol-o trazer outra vez.

— É melhor que te cales, visto não dizeres senão asneiras — replicou D. Joaquina.

— Mas, minha senhora — persistiu ella — creia que a policia não descançava emquanto não desse com o paradeiro do patrão, se a senhora se fosse queixar á esquadra. Mas a senhora faz bem em não ir lá, isso faz. Estamos muito melhor sem elle, e para nós chega perfeitamente o dinheiro que se arranja com a venda dos bonecos e dos sabonetes. Que pena que eu tenho de não haver carvão para accender um bom lume lá em cima! Acho hoje o senhor tão fraco!

— Faz muito frio para estar na loja — disse D. Joaquina, soluçando e limpando os olhos com um lenço — e, além d'isso, não me encontro hoje com animo de ir para lá. Vou, antes, ver se consigo dormir um bocadinho; passei quasi toda a noite em claro, a pensar no meu querido marido. Está-me a parecer que existe no fundo d'este mysterio um grande desgosto. Emquanto ao velhote, não me quebres a cabeça com as tuas lamentações; elle já está habituado ao frio.

— Quer que eu vá para a loja, minha senhora? — perguntou Cassilda.

— Pois vae — respondeu D. Joaquina — faze o que quizeres.

Cassilda seguiu a ama até ao quarto, certificou-se de

que nada a poderia impedir ahi de fazer a sua soneca, cobriu-a muito bem com um chale de abafar, e retirou-se em seguida para a loja, onde o pequeno ficara sósinho. A rapariga não nutria a menor duvida de que o Alves tinha desertado de casa, facto este muito frequente em todos os maridos e paes, segundo ella suppunha, e agora só havia a esperar que as auctoridades o prendessem pelo seu crime. Cassilda não via mysterio algum em similhante acontecimento, e a experiencia dizia-lhe que o bonito havia de ser depois, quando elle tivesse de voltar para a familia, contra sua vontade. Era para ella um ponto indiscutivel que os homens vinham ao mundo para mandarem como senhores, mas não desgostava de se ver fóra do alcance, temporariamente ao menos, das suas tyranicas imposições. Não, que ella ainda se lembrava dos dois pacificos mezes que passou com sua mãe na floresta, emquanto o pae andava vagabundeando por outros sitios. Antevia agora um regallo similhante em casa dos patrões, e era de opinião que, se houvesse maneira de fazer com que não faltasse o carvão nem outras coisas de primeira necessidade, a mysteriosa desapparição do chefe importaria para todos n'um bella temporada de descanço.

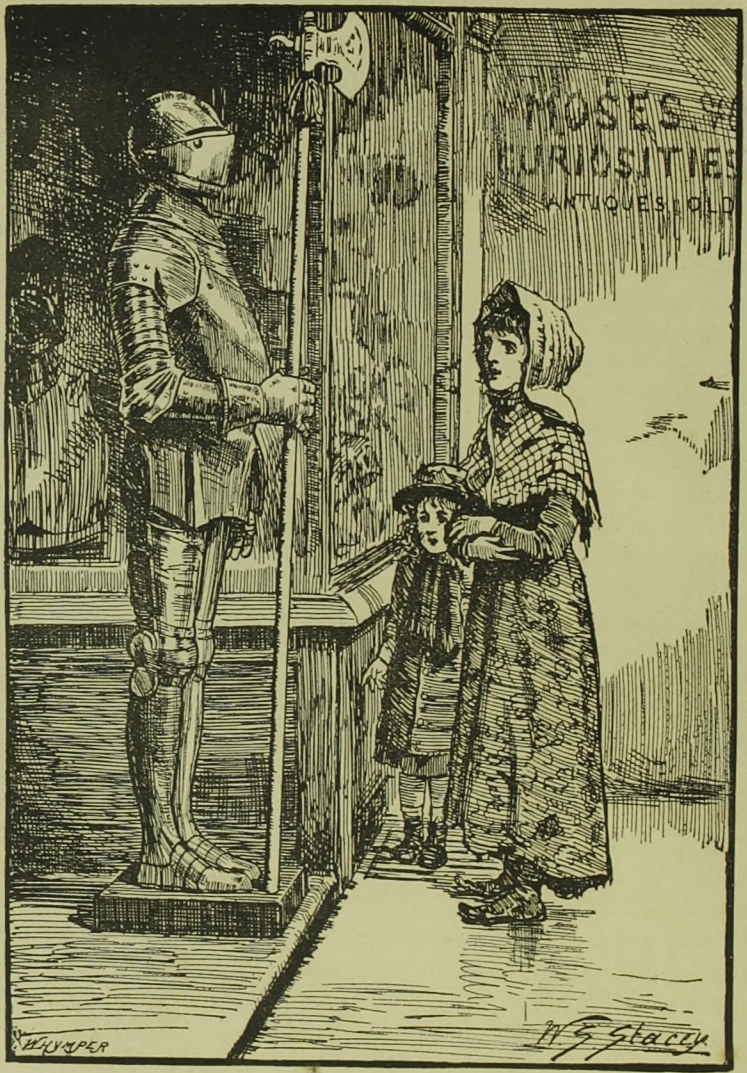
Cassilda foi, como já tivemos occasião de dizer, para a loja, e poz-se a negociar de uma maneira original. Como a acquisição de dinheiro era a coisa principal que ella tinha em vista, vendia as bugiarias por um preço tão espantosamente baixo, que em breve deu logar a uma continuidade de freguezes, attrahidos pelas compras uns dos outros, e que se retiravam ainda mais satisfeitos do que ella o ficava ao deitar as moedas de vintem na gaveta, por intermedio do buraco aberto no balcão. Sabonetes, ganchos, e outros artigos de toilette, eram comprados tambem com extraordinaria avidez, attendendo ao preço por que a rapariga os offerecia. Chegou a ter a idéa de vender, com as mesmas vantagens para o publico, o unico chinó que havia na montra, mas lembrou-se a tempo de que seria a primeira coisa de que o patrão daria por falta, quando voltasse a casa. As horas que passava na loja eram lhe muito mais divertidas do que as que passava no serviço domestico.

Quando D. Joaquina despertou do seu somno reparador, já Cassilda havia comprado, com o producto das vendas da tarde, duas saccas de carvão e alguns saborosos petiscos para a ceia, que em breve estaria prompta a ser servida. Accendera, outrosim, um crepitante lume no quarto do invalido, e fôra levar-lhe á cama pão e leite, do qual elle bebeu umas tres ou quatro colheres apenas. O pobre homem estava agora mais fraco e abatido do que nunca, e apresentava, sobre os lividos labios, e em volta dos olhos, umas nodoas azues que a rapariga não notou, em razão dos muitos cuidados que a traziam preoccupada. Comtudo o velho mostrou-se, durante todo o dia, radiante de felicidade, e, depois de ser noite, não parecia tão afflicto como de costume. Cassilda chegou mesmo a ouvil-o cantarolar a canção do pastorinho, e dar a intender, pelas suas palavras, de que se não considerava sósinho no Valle das Sombras da Morte. A lembrança de que poderia talvez passar aquella noite sem ter de saltar para o chão no melhor do seu somno, proporcionava a Cassilda grande contentamento, pois que o inverno corria frigidissimo, e ella pouco ou nenhum alimento ingerira, nas ultimas horas, não obstante o cuidado que tivera com os outros. A fome não a atormentava muito, ainda assim; talvez que, emfim, a mãe sempre tivesse razão quando lhe dizia que a edade havia de a ajudar a supportal-a com menos custo.

CAPITULO X

O mensageiro

Continuava a ser desconhecido o paradeiro do Alves, e D. Joaquina mandou affixar n'um jornal o seguinte annuncio: «Se F. A. voltar para junto de sua desconsolada esposa, receberá dos labios d'esta um perdão completo, e, se o não fizer, causar-lhe-ha a morte.» A idéa não colheu porém, resultado algum, e a Cassilda desvaneceu-se-lhe o receio que nutrira secretamente durante alguns dias, de que o patrão fôsse levado ao arrependimento pela leitura


MOSES
CURIOSITIES
ANTIQUES OLD
W. G. Stacey

do dito annuncio, e se decidisse a voltar para casa. Escusado seria dizer que D. Catharina não se deixou, afinal, morrer de saudades pelo marido, e começou, pelo contrario, a achar um grande prazer em se levantar a horas adiantadas da manhã, e só se resolvia a sair do quarto depois de prevenida de que o almoço estava na mesa. Cassilda fazia então frequentes visitas á casa de penhores, onde iam ficando a pouco e pouco todos os objectos miudos da casa. As cadeiras foram tambem desapparecendo uma a uma, para as mãos de um negociante de mobilia em segunda mão, que morava na mesma rua, um pouco mais adiante, até que por fim quasi que já não restavam senão as camas, e essas mesmo por falta de quem carregasse com ellas. Muitas e muitas vezes Cassilda interrompia o que estava fazendo para perguntar a si propria o que o patrão diria quando entrasse de novo em casa; e o mero pensamento da colera que, segundo todas as probabilidades, elle havia de manifestar, fazia-lhe bater o coração com força. A loja já não tinha nada, nem mesmo o solitario chinó, e pouco faltava para que o resto da casa estivesse vasio tambem.

Os dias, comtudo, corriam em tranquilidade e paz, não obstante a difficuldade que havia em arranjar o pão quotidiano. Cassilda nunca passara uma vida tão socegada. Os freguezes já a não incommodavam, pela simples razão de se ter acabado o fornecimento da loja, e D. Joaquina, uma vez que não fôsse privada dos seus romances, e tivesse o comer sufficiente para não morrer de fome, passava alegremente o seu tempo, sentada ao pé do fogão, embrulhada no chale, e não se mettia com o trabalho da rapariga. Quando o pequeno Chico se tornava impossivel de aturar em casa, a mãe mandava-o passeiar com Cassilda, e esta lá ia, com o seu vestido de algodão, e com um chalinho que mal a tapava, expôr-se a um frio que fazia tiritar os homens dentro dos seus grossos casacos de inverno. A curiosidade fazia-a sempre passar em frente de uma loja onde estava um guerreiro de armadura, capacete, escudo e espada, exactamente como o que representava Christão n'umas das gravuras do livro do velho Alves. Ella bem sabia que as mulheres e as creanças não faziam uso de similhan-

tes objectos, mas lembrava-se do tio Simão, do quanto lhe seria difficultoso caminhar armado d'aquella maneira. Talvez que o Rei, attendendo ás suas deformidades physicas, o dispensasse de combater como Christão, e lhe permittisse o apresentar-se com o seu fato do costume.

Chegara o mez de março, com os seus fugitivos raios de sol, que afugentavam para longe os tristes nevoeiros, e, com a approximação da primavera, apoderou-se de Cassilda um desejo enorme de effectuar aquella mudança que sua mãe lhe annunciava, em segredo, todos os annos por aquelle tempo, no dormitorio do albergue, isto é, a troca da vida contrafeita da cidade pela vida livre da floresta. Não se sentia mais calor do que em janeiro, apezar do sol brilhar de quando em quando. O vento entrava pelas fendas das janellas produzindo um som pavoroso, e espalhando por toda a casa um frio glacial. O desgraçado velho já tinha os membros entorpecidos, e não havia meio de lhe aquecer o quarto, pois que todo o carvão era aproveitado para o fogão junto do qual D. Joaquina lia. Dos lençoes da cama d'elle só restava um por empenhar; os da cama de Cassilda haviam sido dos primeiros a desapparecer, de fórma que a rapariga, deitada sobre o colchão, sem roupa para se agazalhar, passava as noites n'uma tremura de frio.

Certa noite em que ella estava meio acordada na cama, pois que o frio não a deixava pegar bem no somno, ouviu cantar o velho. Despertada de todo ao som da conhecida voz, levantou-se apressadamente, e, apezar do quarto estar quasi ás escuras, poude distinguir que o rosto, que ella tanto se habituara a amar, estava pallido e tranquillo, conservando abertos os olhos, que olhavam para cima. Pegou-lhe n'uma das mãos, que estava fria como a propria morte, e encostou a sua á face d'elle; a este contacto o velho fez um pequeno movimento, exclamando debilmente:

— Chegou o *mensageiro*, Cassilda, e vou agora atravessar o rio; os meus pés já tocaram na agua, que está frigidissima, e é de uma extraordinaria profundidade.

— Onde está esse *mensageiro*? — perguntou Cassilda.

— Eu não o vejo, mas sei que não estou só. Ha aqui alguem cuja presença me é evidente. Dir-se-hia ser o Rei

em pessoa, mas não me parece que Elle desça do seu throno de gloria para vir ao meu encontro.

— Sente-se assustado?—perguntou a rapariga, a tremer.

— Assustado! Ah! Cassilda, agora é que eu vejo quanto O amo, e que amor Elle sente por mim. Lá está a cruz, torno a vêl-a, na outra margem do rio; deparei com ella no principio da jornada, eil-a agora tambem no fim.

— Veja se pergunta ao Rei — supplicou Cassilda — quando é que chegará a minha vez de contemplar a cruz.

— Socega, Cassilda — murmurou o velho — o Rei te procurará a seu tempo. Algumas creaturas ha que não peregrinam; recebem a corôa de gloria logo depois de avistarem a cruz. Quem sabe se serás uma d'ellas.

Depois calou-se durante uns momentos: Cassilda, cheia de commoção, continuava no seu posto. Como que se lhe affigurava não haver mais ninguem no quarto alem d'ella propria, mas de subito o velho começou a articular palavras dirigidas Áquelle que o confortava na passagem da parte mais funda do rio. Cassilda porém não via nem ouvia coisa alguma; o rosto do velho tornara-se-lhe quasi indistincto, e por fim, como elle fallava cada vez mais baixo, deixou de perceber o que elle dizia. D'ahi a pouco chegou-lhe aos ouvidos um suspiro, e tudo ficou em silencio. Cassilda encostou outra vez a face á do velho, e achou-a tão fria como os hirtos e gelados dedos. O peregrino havia atravessado o rio, e subia a encosta que conduz ás *Portas de Oiro*.

Cassilda voltou a deitar-se no colchão, não ousando communicar o caso a D. Joaquina antes de ser dia. O que ella sentia não era precisamente medo; se o pavor a affastava, o amor approximava-a do cadaver cuja cabeça branca ella distinguia, inerte sobre o travesseiro. Passada, porem, a agitação dos primeiros momentos, reconheceu se victima de uma cruel decepção. Aquella vinda do *mensageiro* do Rei realisara-se de uma maneira tão differente do que ella esperava!

O seu velho amigo morrera exactamente como a mãe d'ella, sem a presença visivel dos anjos em redor do leito, sem o audivel clangor das aureas trombetas a festejar-lhe

o termo da sua peregrinação. Cassilda chegou a nutrir uma vaga desconfiança de que tudo aquillo não passava de illusão; que a viagem do peregrino era uma fabula; que não havia cruz, não havia Rei, havia tão sómente morte. Sim, o que ella sabia ser verdade, o que não admittia sombra de duvida, era que, mais tarde ou mais cedo, toda a gente morre, e vae para debaixo da terra. Mas haveria alguma coisa mais, além do triste facto da vida, além do facto, ainda mais triste, da morte?

Pouco faltava para romper a madrugada, mas a Cassilda affigurava-se-lhe não ter fim aquella noite. A serena luz da aurora, illuminando o misero quarto, mostrou-lhe então mais vividamente o rosto do defunto, em que havia uma expressão de paz e felicidade. Cassilda não vira jámais um tão alegre sorriso, mas, em logar de lhe corresponder com outro sorriso, como o faria se o seu velho amigo ainda existisse, desfez-se em abundantes lagrimas que lhe obscureceram o olhar a tal ponto que mal distinguia a cama mortuaria. Desceu a escada, mais vagarosamente do que o costume, e dirigiu-se para a cosinha onde, quasi sem fazer o menor ruido, accendeu o lume para o chá da senhora. D. Joaquina não gostava que a acordassem logo pela manhã, e por isso Cassilda só se atrevia a entrar no quarto quando ouvia o pequeno Chico a gritar por ella, signal este de que a mãe precisava de alguma coisa. A voz da creança, na manhã do luctuoso acontecimento, sobresaltou de tal fórma a pensativa rapariga, que ia largando a cafeteira que tirava n'essa occasião do lume, Levou a bandeja com o chá para junto da cama da patroa, e pegou em Chico ao collo, a fim de o vestir. Não sabia de que modo havia de dar a noticia a D. Joaquina, e deixou-se ficar um bocado parada, immovel, com a esperança de que ella assim adivinhasse o occorrido.

— Tens alguma coisa a dizer-me? — perguntou D. Joaquina, languidamente.

— Tenho, sim, minha senhora — respondeu ella — mas não sei como é que a hei-de dizer. O sr. Alves...

E apontou para cima, ao mesmo tempo que olhava para sua ama, com a cara banhada em pranto.

— Está peior? — disse D. Joaquina, no mesmo tom de languidez.

— Não é isso, minha senhora. O que eu queria dizer é que elle não torna mais a sentir o menor soffrimento.

— Está morto! — exclamou D. Joaquina — Morto, e nós sósinhas em casa! Esta só a mim acontece! Quando morreu elle?

— Durante a noite, e não lhe custou nada a morte. Eu estava ao pé d'elle, e não lhe ouvi nada de particular; o que repetiu, umas poucas de vezes, foi que estava alguem com elle que o ajudava a atravessar o rio. Morreu quasi sem eu dar por isso.

— Porque não me chamaste — perguntou-lhe D. Joaquina.

— Tive medo de que a senhora se zangasse comigo por incommodal-a. Fazia tanto frio! Demais, não havia necessidade de a chamar. Que quer a senhora que eu faça agora?

— Que te vás embora, e me deixes por um bocado. Que pena que o Alves esteja ausente n'uma occasião d'estas. Elle, que é filho do defunto, é que tem toda a obrigação de lhe tratar do enterro. Não sei, com franqueza, como hei de vêr me livre d'este aperto.

Cassilda obedeceu ás ordens de sua senhora, saindo, e D. Joaquina, depois de tomar o seu chá, entregou-se de novo ao conforto do leito, e pôz em actividade o acanhado raciocinio, a fim de descobrir o melhor meio de se sair d'aquella difficuldade. Não se passára um só dia, desde a desapparição do marido, em que ella não alimentasse a esperança de lhe sobrevir algum revez da fortuna que a livrasse de todos os seus embaraços, e eis que agora, em vez d'esse tal revez, via-se a braços com uma nova contrariedade, com um caso que havia de a incommodar sériamente. Como não tinha dinheiro para as despezas do enterro, vêr-se-hia obrigada a recorrer ás auctoridades da freguezia, para dar sepultura ao finado. Mas que importava, se este lhe era como um estranho? Quando ella se casou com o Alves, já o velho estava meio idiota, e pobre como Job, de maneira que ella não lhe devia obrigação al-

guma. Era ao Alves, e só a elle, a quem se devia lançar em rosto o facto do pae ter morrido na miseria e ser enterrado por conta da freguezia. O que lhe dava mais cuidado era a inexplicavel ausencia do marido n'uma occasião d'aquellas, que emquanto ao funeral ser pobre ou rico não lhe dava isso a minima inquietação.

Por fim, depois de derramar copiosas lagrimas de desespero, occorreu-lhe uma idéa luminosa. Que necessidade tinha ella de luctar contra tantas difficuldades, quando seu marido se libertára de todas, desapparecendo inteiramente da scena? As pessoas da sua amisade, a quem escrevera participando a conducta do Alves, haviam-lhe offerecido a casa para quando ella se quizesse utilisar d'esse offerecimento. O mais acertado, pois, seria sair d'ali quanto antes, deixando a Cassilda, que fôra sempre tão dedicada ao defunto, o encargo de lhe tratar do enterro.

Affigurava-se-lhe tão simples a execução d'este plano, que sentiu fugir todas as suas inquietações. Não havia positivamente nada mais a fazer do que entrouxar tudo o que podesse levar comsigo, e deixar os moveis á disposição dos credores, no numero dos quaes se encontrava o senhorio da casa. Diria tão sómente a Cassilda que ia visitar sua mãe que estava doente, e que estaria de volta dentro de um ou dois dias. Não sabia ao certo que grau de responsabilidade lhe tocava com respeito ás dividas do marido, mas em todo o caso teria todo o cuidado de partir o mais occultamente possivel.

Esteve toda a manhã fechada no quarto, emmallando todos os artigos de vestuario que ainda conservava em seu poder. Em seguida chegou-se ao cadaver, trocou-lhe o lençol que o tapava por um outro já no ultimo fio, que não merecia a pena levar, e tirou-lhe o travesseiro sobre que descançava a cabeça. Ao praticar um tal acto sentia apenas a repugnancia natural que os mortos infundem, pois que a sua natureza egoista não conhecia piedade, nem vergonha, nem amor. Concluidos que foram todos os seus preparativos, dirigiu-se á estação do caminho de ferro que lhe ficava mais proxima, e perguntou ahi a que horas da noite partia o comboio do leste. Apezar de pouco atilada, soube

ainda assim evitar quaesquer perguntas que podessem compromettel-a. Voltando a casa, mandou Cassilda empenhar os ultimos utensilios da cosinha, sem esperar, d'esta vez, que anoitecesse, a fim de apurar o dinheiro sufficiente para as despezas da viagem.

— Cassilda — disse D. Joaquina, sentada com o pequeno Chico sobre as gavetas da mesa da cosinha, e tomando chá por uma chavena quebrada — tenho sido uma boa patroa para ti, pois não tenho?

— Pois tem, sim, minha senhora — respondeu Cassilda de prompto, pois que ella rarissimas vezes a reprehendia, nunca lhe batera, e havia-lhe dado alguns fatos que deixava.

— Olha, Cassilda, — disse D. Joaquina, — vou visitar a minha mãe, que mora fóra da cidade, e deixo-te a casa entregue durante a minha ausencia, porque sei que és uma boa rapariga, digna da minha confiança.

— Oh! minha senhora — exclamou Cassilda — não me obrigue a ficar sósinha com elle. Leve-me tambem comsigo.

— Vejo agora que és uma desobediente, uma atrevida, uma ingrata — disse D. Joaquina com severidade. — Recebo noticia de que minha mãe, gravemente enferma, me deseja abraçar, talvez pela ultima vez, e tu vens augmentar o meu desgosto dizendo-me que não queres ficar em casa, com medo de uma coisa que não te pode fazer o minimo mal! Pois bem, minha menina, podes marchar quando quizeres: ficas despedida do meu serviço, e conta com as minhas informações para arranjares outra casa.

— Oh! minha rica senhora, não me mande embora — disse Cassilda, a chorar. — Ficarei sósinha, já que assim é preciso, mas prometta-me que não ha de demorar-se muito.

— Não me demoro mais do que um ou dois dias, e assim que lá chegar hei de escrever-te, explicando-te os passos necessarios para o enterro do meu sogro. Já vês que não posso demorar-me, visto que tenho de estar aqui no dia em que o corpo sair. Se acontecer fazer-te alguem perguntas a meu respeito, dize que eu fui sempre uma

excellente senhora, e que o teu patrão era um malvado.

— Bem, minha senhora — respondeu ella, tristemente.

— O sr. Alves era um mau homem — continuou D. Joaquina, com emphase, como se quizesse imprimir na memoria de Cassilda as palavras que proferia. — O sr. Alves era muito mau homem, mas a senhora D. Joaquina era de uma bondade inexcedivel, e soffria bastante por causa do procedimento de seu marido. Ès capaz de te lembrares d'isto, Cassilda?

— Sim, minha senhora — tornou ella a responder.

— Muito bem. Agora vae-me chamar um homem que me leve a bagagem, porque é pesada de mais para tu a levares. No entretanto eu vou vestindo o menino Chico. Has-de acompanhar-me até á estação, afim de tomares conta no menino emquanto eu compro os bilhetes.

Já havia escurecido bastante quando D. Joaquina saiu, com o filho pela mão, seguida de Cassilda que levava a malla, e precedida por um moço de fretes que conduzia as duas caixas sobre um carrinho de mão.

Havia o que quer que fosse tão extraordinario n'aquella partida, que a imaginação de D. Joaquina começou logo a funccionar; o segredo, o nome supposto que escrevera na bagagem, a incerteza do futuro, a noite, tudo, tudo aquillo era romantico ao ultimo ponto. Depois de chegar á estação, e de comprar o bilhete, como não lhe convinha que Cassilda ficasse sabendo em que comboio se havia mettido, despediu-a recommendando lhe que se não entretivesse pelo caminho.

CAPITULO XI

O lar deserto

Emquanto D. Joaquina e o filho se affastavam da cidade com uma rapidez vertiginosa, a pobre Cassilda caminhava pelas ruas com passos automaticos, antevendo com horror o momento de abrir a porta e se achar sósinha na deserta habitação. Passando pela ponte, deteve-se algum tempo a

contemplar os vacillantes reflexos de luz que os lampeões projectavam sobre o rio, e pôz-se a pensar se o rio de que se fallava no livro, aquelle rio que todos os peregrinos tinham de atravessar, seria tão largo, teria as aguas tão turvas, e correria com a mesma rapidez com que aquelle corria por.de sob os arcos da ponte. Mas existia effectivamente esse rio? aquella historia dos peregrinos seria verdadeira? Abrigara, em todo o dia, na mente essa duvida cruel que a entristecia ainda mais do que a morte do velho.

Soprava um vento frigidissimo, mas Cassilda passaria de boa vontade aquella noite na rua, apezar de ter os dedos tão entorpecidos que foi com immensa difficuldade que conseguiu tirar a chave da algibeira e introduzil-a na fechadura. Que silenciosa, que vasia lhe parecia a casa no momento em que poude finalmente abrir a porta, e em que, transpondo o limiar, parou a escutar, toda ella n'uma tremura. O lume do fogão havia-se extinguido, por falta de combustivel, e a unica claridade que existia era a que entrava pela porta meio-cerrada, como que a mostrar-lhe o estado de nudez da miseravel habitação Cassilda só a muito custo se resolveu a privar-se d essa luz, fechando a porta. Esta, com o impulso que os gelados dedos da rapariga lhe deram, bateu produzindo um som que se repercutiu por toda a casa, e que se confundiu logo depois com os altisonantes echos que os acalcanhados sapatos de Cassilda faziam acordar, ao dirigir-se para a cosinha, onde se sentou, agachando-se, e tremendo de susto ao mais pequeno ruido que ouvia.

O morto causava-lhe muito menos medo nas primeiras horas depois de fallecer, porque lhe parecia então natural que elle voltasse á vida, mas agora, estando, como tinha estado, immovel e frio durante todo o dia, que especie de conversação seria a d'elle? Esperava-a uma noite terrivel. Representava-se-lhe na memoria tudo quanto havia lido, e tudo o que o seu defunto amo lhe havia contado, a respeito do Valle da Sombra da Morte.

Persuadia-se vêr nas trevas um agitadissimo scintillar de chammas, e ouvir espantosos gritos e gemidos em volta de si. Enchia-se de vez em quando de coragem para fixar

a vista e applicar o ouvido, e n'essas occasiões certificava-se de que nem o silencio nem a escuridão estavam sendo perturbados.

Passado algum tempo, porém, em virtude do cançaço de que estava possuida, adormeceu, tendo por cama o sobrado, e um dos braços por travesseiro.

Era já dia claro quando ella acordou, mas teve um triste despertar. Via-se sem almoço, sem dinheiro para o comprar, e sem objecto pelo qual lhe emprestassem a mais insignificante quantia. Achou dois ou tres pedacinhos de pão deitados fóra pelo pequeno Chico, e devorou-os n'um abrir e fechar de olhos.

Percorrendo depois os diversos compartimentos, capacitou-se de que nada tinha que fazer, e que, portanto, até o trabalho lhe faltava! A casa havia soffrido uma limpeza geral, durante a ausencia do Alves, e se este voltasse agora, pouco mais encontraria do que Cassilda e o cadaver de seu pae, que um esburacado lençol cobria.

Cassilda não teve animo de tirar os taipaes da loja, posto que sua ama lhe tivesse ordenado que procedesse em tudo como de costume, a fim de não attrahir as suspeitas da visinhança; e começou a aterrorisar-se com a idéa de permanecer todo o dia em casa, sem ter nada com que se entreter, e pessoa alguma com quem fallar. O vento soprava agora do sul, dando em resultado um augmento de temperatura, e o sol primaveral, livre de nuvens que lhe interceptassem os raios, brilhava com todo o esplendor. No momento em que Cassilda abria a porta da rua, olhando para um e outro lado, com uma curiosidade infantil, passava uma rapariga com um cesto de violetas debaixo do braço. O perfume que se exhalava das florinhas fel-a pensar com saudade nos tempos de outr'ora. Que encantos não offerecia a floresta n'aquella estação do anno! Que quantidade de margaritas e ranunculos não estariam despontando já, a despeito da rija nortada que ainda soprara na vespera! Certa alameda conhecia ella, não muito distante da casa de seus patrões, cujas sebes costumavam apresentar tamanha abundancia de flôres, que se podiam colher ás mãos cheias. Se lhe fosse possivel ir de passeio

até lá, havia de trazer um braçado d'ellas para espalhar sobre o cadaver de seu defunto amo.

Animada d'este proposito, poz na cabeça o seu lenço de algodão, e saiu de casa, mas, depois de dar alguns passos, conheceu que lhe era impossivel ir até ao ponto desejado. Foi andando até chegar á ponte, e ahi, sentando-se n'um dos bancos de pedra da muralha, poz-se a olhar abstractamente para as embarcações, cuja confusa mastreação lhe fazia lembrar a ramaria da floresta. Por duas ou tres vezes, firmando-se nas fatigadas pernas que mal podiam com ella, foi dar uma volta de olhos á casa, que apresentava um desolado aspecto, fechada áquella hora do dia, a fim de se certificar de que não havia novidade, e de que os ladrões não haviam forçado a porta, esquecendo-se, pobre rapariga, que a unica coisa que poderiam roubar era o cadaver do velho. Em nenhuma d'essas vezes deixou de subir a escada que conduzia ao primeiro andar, e de lançar para o interior do quarto um olhar em que havia um mixto de receio e amor. Depois voltava de novo a assentar-se na muralha da ponte, sob a qual a corrente passava em borbulhões. Ali, ao menos, havia luz, havia vida, havia movimento, coisas que faltavam na casa onde fizera o seu aprendizado de creada.

Os relogios das torres iam annunciando as consecutivas horas do dia, mas Cassilda continuava sem a minima esperança de ser soccorrida no afflictivo transe em que se encontrava. O sol declinava visivelmente, e não tardaria o momento em que a noite escura a obrigaria a recolher-se a casa, a procurar abrigo na deserta habitação. Parecia-lhe terem já passado annos desde a morte do patrão, e o que mais a preoccupava era o não ter visto os mensageiros do Rei, não ter ouvido o som acclamador da trombeta. Fazia por não pensar em similhante coisa, mas não podia deixar de sentir que se produzira em volta de si um vacuo horrivel; ao querer extrahir da memoria as boas palavras que mitigaram a agonia de sua mãe na barraca da floresta, só encontrou as seguintes: « Creio em Deus Todo poderoso.»

O sol estava prestes a esconder-se no horisonte, e o coração de Cassilda vergava ao peso da tribulação, quando de

subito a fez levantar a cabeça o alegre ladrar de um cão, que lhe soltou para cima dos joelhos, e lhe começou a lamber as faces, no auge do contentamento. No mesmo instante Cassilda deu com os olhos n'uma carroça, n'uma das chamadas caravanas, que rodava vagarosamente, e na frente da qual se divisava a cabeça do conductor atravez de uma especie de janella quadrada. Áquella vista, Cassilda sentiu o coração palpitar-lhe com violencia.

— É o meu Bijou! — exclamou ella — e o tio Simão! Ai, o Bijou, o tio Simão!

Parecia-lhe tudo um sonho, não obstante os repetidos saltos de alegria, que o cão dava em redor d'ella, provarem ser tudo uma realidade. O tio Simão viu-se na impossibilidade de parar, pois que não lh'o permittiam os innumeros carros de toda a especie que transitavam pela ponte, mas afrouxou o passo do cavallo, e gritou, tentando debruçar-se para fóra da pequena abertura:

— Salta para traz da caravana, Cassilda, salta depressa.

Se não fosse, porém, a caridosa intervenção de um operario que voltava do trabalho, que a ajudou a subir os degraus, e a ganhar a porta do vehiculo, Cassilda deixaria de obedecer por falta de forças para isso, pois que a alegria como que a paralysara. Nunca o interior da caravana lhe pareceu tão confortavel. O tio Simão, que não podia de modo algum abandonar as redeas n'aquelle momento, olhou para ella com um sorriso que lhe illuminou o semblante e o tornou parecido com Fiel e Christão, segundo os representavam as gravuras do livro.

— Então, Cassilda — perguntou elle — sempre arranjaste casa?

— Arranjei, sim, senhor — respondeu ella, empregando todas as suas forças em levantar Bijou do collo, e pôl-o no chão — mas estou muito triste porque o sr. Alves filho desappareceu de casa, e o sr. Alves pae morreu. Por ultimo a sr.ª D. Joaquina teve de passar uns dias fóra, com o menino Chico, e deixou-me ficar em casa sósinha com o cadaver do pobre velho. E o peior é que estou com uma fome que não vejo nada.

— Sósinha em casa com o cadaver do pobre velho! —

WAYMPER
W. S. Stacey

repetiu o tio Simão, puxando ao mesmo tempo as redeas com tal impeto que o cavallo parou, ouvindo-se logo em seguida a voz de um policia, que bradava: « Vamos, toca a andar! »

— É verdade — continuou Cassilda — Passei sósinha com elle toda a noite passada, e tremo ao pensar que me vae hoje succeder outrotanto. Em casa não ha luz, nem carvão para accender o lume, e todo o meu sustento de hoje foram umas codeas que apanhei do chão. Quem dera que a noite se demorasse ainda bastante!

— E a tua patrôa, para onde foi ella? — inquiriu o tio Simão.

— Ella não me disse ao certo para onde ia — replicou Cassilda — O sr. Alves morreu no domingo á noite, e hontem, em todo o dia, ella não fez senão arrumar a roupa que havia de levar. Disse-me, então, que ia ver a mãe, que estava a morrer, e que partiria no comboio da noite. Isto foi hontem, mas a mim parece-me que já foi ha um seculo.

— E a respeito do enterro do velho, ainda nada se tratou? Nem sequer encommendaram o caixão?

— Pois não — respondeu ella. — A sr.ª D. Joaquina disse-me que mandaria dizer n'uma carta o que eu havia de fazer, e que além d'isso, estaria ámanhã de volta. a tempo de tratar pessoalmente dos ultimos preparativos.

— Cassilda — disse o tio Simão, muito a sério — desconfio que me estás a impingir uma enfiada de mentiras.

— Oh, tio Simão, creia que lhe digo a pura verdade — exclamou Cassilda, prerompendo em lagrimas, e encostando a cabeça no hombro do aleijado. — Não imagina como estou contente em tel-o encontrado. Estava com tanto medo de passar outra noite sósinha com o defunto! Elle foi sempre muito bom para mim, e eu estimava-o devéras, mas agora creei lhe um certo pavor. Mas que hei de eu fazer á minha vida, fazem favor de me dizer?

— Eu acompanho te até lá — disse o tio Simão, com voz rouquenha. — Quero ajudar-te n'essa difficuldade, Cassilda.

CAPITULO XII

O enterro de um pobre

Logo que o tio Simão se poude desembaraçar do apertado circulo de vehiculos, voltou a caravana, e dirigiu-se para a desolada habitação. Cassilda foi-lhe contando pelo caminho todos os pormenores do caso, e elle, combinando esses dados uns com os outros, chegou á conclusão de que havia de prolongar-se, e muito, a ausencia de D. Joaquina. Felicitava-se por haver deparado com Cassilda em tão opportuna occasião. Durante todo o inverno, encerrado no solitario quarto que alugara, de que só de noite sahia, fôra constantemente perseguido pela recordação da rapariga, e perguntava muitas vezes a si proprio que teria sido d'ella. A lembrança do beijo infantil, que ella lhe dera á despedida, ficara-lhe agradavelmente impressa na memoria, e agora que ella lhe supplicava o seu auxilio, conscia de não possuir outro amigo no mundo, sentia-se prompto a auxilial-a em tudo o que estivesse na sua mão.

— Estive uns dias na terra, Cassilda — disse elle, emquanto a caravana atravessava de novo a ponte — a fim de tratar de negocios que prendem com a morte de um parente meu, que me deixou ficar o rendimento de meia libra por semana, pouco mais ou menos. De maneira que me posso considerar independente, sem precisar d'aqui em diante de ir mendigar para a estrada; agora ia eu já caminho da floresta, para me não acontecer como no anno passado, em que encontrei tomado o meu recanto predilecto. Aquelle sitio da floresta convem-me por ficar longe da passagem; ali estou livre de ser incommodado. Os animaes silvestres, como para ahi lhes chamam, hão-de estar anciosos por me verem entre elles. Aborreço o inverno, que me obriga a viver na cidade, onde os olhares curiosos me não deixam socegar um momento. Na floresta é que eu me sinto á vontade, lá é que me posso esconder das vistas importunas. Ora dize-me, Cassilda, não te pareço bem horrendo?

— Qual historia! — disse ella, esforçando-se por sorrir, e olhando-lhe attentamente para as feições — o tio Simão tem sido tão bom para mim, que de maneira nenhuma o posso achar feio.

Simão sentiu um inexprimivel prazer ao ouvir estas palavras, mas olhando, por seu turno, para o rosto de Cassilda, deixou subitamente de sentir esse prazer.

— Oh, pequena — exclamou elle — deram cabo de ti! Bem se vê que tens passado muita fome, e que te obrigavam a trabalhar como uma negra.

— Pois olhe que se engana; a sr.ª D. Joaquina tratou-me sempre muito bem — respondeu Cassilda, conservando ainda nos labios o mesmo desanimado sorriso — O que eu estou é cançada, e nada mais. Por qualquer coisa me canço agora, mas supporto muito melhor a fome do que n'outro tempo. A minha mãe bem m'o dizia ás vezes; a gente habitua-se á fome, á medida que vae tendo mais edade.

— Mas tu ainda és nova de mais para estares habituada a ella — murmurou o tio Simão, examinando detidamente a desgraçada creança. Havia-lhe desapparecido o rubor que lhe tingira as faces no momento de encontrar os dois entes que estremecia, e apresentava-as agora pallidas, de uma lividez assustadora; os ossos pareciam querer-lhe furar a pelle da cara, e desenhavam-se-lhe sob os olhos duas sombras violaceas. Tinha os hombros derreiados, em virtude, sem duvida, do violento trabalho, e de creança tinha apenas a pequena altura de seu corpo. — Hei de tel-a comigo uns dias na floresta — dizia o tio Simão, de si para comsigo.

— Chegámos — gritou Cassilda, apontando para o *Afamado Salão de Barbear*. Simão fez parar a carroça em frente do logar indicado. Disse a Cassilda que fosse chamar um rapaz para tomar conta do cavallo, e mandou-a abrir a porta da casa, antes d'elle se aventurar a sair do seu esconderijo ambulante. Havia escurecido já a tal ponto, que Cassilda teve de o guiar pela mão até á cosinha onde ainda existia uma debil claridade. Simão viu, logo ao primeiro relancear de olhos, que a rapariga não lhe mentira quando disse que a casa estava completamente des-

guarnecida de moveis, apresentando o cunho do mais desconsolador abandono.

— Venha cá acima ver o meu patrão — disse Cassilda, quasi em segredo.

O tio Simão seguiu atraz d'ella pela estreita escada que conduzia ao andar superior. A escuridão não era ahi tão pronunciada, porque o sol, não obstante ter desapparecido no horisonte havia perto de meia hora, ainda illuminava o sitio onde estava a cama do velho. Cassilda puxou para baixo o lençol que tapava a cara do defunto, e caiu de novo n'uma convulsão de choro.

— Então o que é isso, pequena — exclamou o tio Simão — as coisas não se levam d'esse modo. Agora estou eu aqui, e já não te deixo sem vêr o fim a isto tudo, e sem que a tua patroa se digne apparecer. Em todo o caso, quer ella appareça, quer não, estou resolvido a levar-te comigo para a floresta, e havemos de lá passar um bello tempo, nós os dois, uma vez que não precisaremos de ninguem para coisa alguma.

— Choro ao lembrar-me que o Rei não lhe enviou os mensageiros que elle esperava, coitado, — disse Cassilda por entre os soluços. — Era coisa em que elle estava sempre a fallar: que o Rei havia de mandar alguem buscal-o. Estou certa de que elle lhe havia de pedir por mim, e por isso eu estava com a esperança de obter um logarsinho na resplandecente cidade, mas agora vejo que não se arranjou nada. Morreu exactamente como a minha mãe, sem o Rei lhe ter mandado pessoa alguma. E verá que o mesmo ha de acontecer comsigo, tio Simão.

— Ah! — disse este solemnemente — todos havemos de morrer e ir para debaixo da terra, ou tenhamos as pernas cambaias, ou sejamos sãos e escorreitos.

— Elle costumava fallar de certa cidade para onde alguns de nós hão de ir, onde as ruas são de oiro, onde não se sente fome, nem cançaço, nem frio, e onde é sempre dia; á nossa chegada lá os sinos repicam alegremente, e são-nos dados vestidos mais brancos que a neve. Li tudo isto n'aquelle livro que acolá está, e suppunha que fosse verdade.

— Ora não ha! — exclamou Simão, tirando o livro de cima do parapeito da janella, e lendo o titulo na capa. — Isto não é mais do que o sonho de um homem.

— Já o leu? — perguntou Cassilda, em voz triste.

— Já o li, já! — respondeu elle. — Está muito bem escripto, e a minha mãe era doida por elle, mas não passa de um sonho.

Cassilda tapou o rosto gelado e immovel, de seu fallecido amo, e não respondeu palavra alguma. Não sabia o que havia de dizer. O desapontamento que acabava de soffrer era grande de mais para a deixar fallar. Além d'isso, o tio Simão tinha saido do quarto, e andava a passar uma vista de olhos ao resto da casa. Achou-a inteiramente despojada de tudo o que poderia ser posto fóra com facilidade. Depois voltou para junto de Cassilda, e fel-a contar tudo o que sabia, o que não era muito. Mandou-a então chamar um policia, e quando este veiu, dirigiram-se todos tres para o quarto do defunto.

— Segundo me parece, a morte foi natural — disse o policia, examinando-lhe attentamente a tranquilla expressão do rosto — Chamaram algum medico?

— Não chamámos, não senhor — respondeu Cassilda — estava sósinho comigo quando morreu, e não fez até á ultima senão cantar, e dizer coisas que eu não pude perceber. Coitado, o frio apoquentou-o muito; e depois, como o comer não era em grande abundancia... Desconfio que a causa da morte d'elle foi a mesma que levou minha mãe á sepultura: a fome. Mas morreu muito naturalmente, pode crêr.

— E' necessario proceder-se a averiguações — disse o policia — e a primeira coisa a fazer é procurar o dono ou a dona da casa.

Nem um nem outro, porém, foram encontrados, não obstante o inquerito a que se procedeu no dia seguinte. O defunto foi, finalmente, levado para o cemiterio, a expensas da parochia, e foi Cassilda a unica a pranteal-o. Quiz acompanhar o corpo até á cova, e ahi se conservou prestando toda a attenção á leitura do que ella chamava *boas palavras*, e cujo sentido lhe era incomprehensivel.

Findara-lhe a illusão, findara-lhe toda a esperança de que o Rei mandasse ainda algum *mensageiro*, antes do peregrino ser sepultado. Apezar das duvidas que lhe acabrunhavam o espirito, ella mantivera-se secretamente, até ao ultimo momento, na vaga espectativa dos factos annunciados. Depois de terminarem as breves orações, e de se ter retirado o ministro que as lera, ajoelhou-se junto da sepultura ainda aberta, exclamou: *Pae Nosso*, ajuntou em seguida: *Creio em Deus Todo-poderoso*, e dirigiu-se melancholicamente para o sitio onde a esperava o tio Simão, fechado na sua caravana.

CAPITULO XIII

Cassilda muda de patrão

Coisa alguma mais os prendia agora á cidade. O senhorio da casa, a quem se devia a renda do ultimo semestre, tomou conta de tudo, limitando-se Cassilda a levar comsigo o vestido da mãe, que ella não largava por nada d'este mundo. O tio Simão promettera-lhe o abrigo da caravana, e installaram-se n'aquella semana mesma, no recinto predilecto da floresta. O alugador do cavallo levou o animal, depois de ajustadas as contas, e até os varaes da carroça foram tirados, indicio seguro de que ficavam interrompidas as viagens durante uns poucos de mezes. Sobre a macia turfa, que as rodas da caravana acabavam de sulcar, despontava agora a relva, como que attestando ter findado o periodo das neves, e dentro da casinha do tio Simão trabalhava-se com denodo em pôr tudo em ordem.

Cassilda ajudou o tio Simão a dispôr os seus objectos domesticos na fórma em que era costume permanecerem durante o verão, mas, em toda essa faina, perguntava muitas vezes a si propria se tudo aquillo não seria um sonho, e se não despertaria para ouvir os gemidos soltados pelo seu antigo patrão no Valle da Sombra da Morte. As arvores, que bordavam a pequena clareira, tinham as folhas a despontar, e na parte superior da ramada apre-

sentavam já um verde bem caracterisado; este facto explicava-se por estarem n'uma especie de cova, voltadas para o sul, e abrigadas dos ventos do leste. Um castanheiro havia ali, de brilhantes e assetinados gommos, e os fetos desenrolavam tambem já os seus delicados frondes. Ouvia-se por toda a parte o chilrear dos passarinhos, que voavam de um lado para o outro, occupados em construir os seus ninhos. Cassilda observou que a arvore que ficava mais proxima da janella da caravana tinha um buraco no tronco, logo abaixo do ramo mais grosso, e n'esse buraco viu ella entrar e sair umas poucas de vezes um passarinho, evidentemente em procura de alguma coisa, o qual, depois de descrever tres ou quatro voltas em redor da mesma arvore, affastou-se, convencido talvez, mau grado seu, de que similhante casinha, posto que n'um sitio retirado e pittoresco, não offerecia as commodidades necessarias para a futura progenie. O gorgeio dos passaros não era o unico som que perturbava o silencio da floresta: ouvia-se de vez em quando o estalar das folhas seccas, que se amontoavam fóra do alcance do vento, e quem tivesse a paciencia de se demorar um bocadinho a observar o caso, havia de distinguir a cabeça escura de algum rato do campo ou a alva cauda de algum coelho, correndo pressuroso para o seu logar de refugio. As margaritas e os rainunculos floresciam exhuberantemente em todos os cantos que o sol alluminava com os seus raios, e de certo sitio sabia Cassilda onde as primaveras haviam de já estar abertas, e onde as violetas estariam espreitando de sob as suas largas, verdejantes folhas. Tencionava ir no dia seguinte apanhar uma porção d'ellas para offerecer ao tio Simão.

— Vae dar um passeio, Cassilda, emquanto faz sol — disse elle — É preciso recuperar as boas côres que a atmosphera da cidade te roubou.

Cassilda seguiu o conselho, e saiu da caravana com Bijou, que não a largava agora um instante. Como tudo estava bonito! O ar fresco e puro beijava-lhe as faces, e o céu azul, que parecia tocar no topo das arvores mais altas, não tinha similhança nenhuma com a estreita nesga da nuvem pardacenta que assombreava as ruas. Cassilda, não

querendo affastar-se muito da caravana, sentou-se na esgalhada raiz de um carvalho, e, encostando-se ao robusto tronco do mesmo, poz-se a contemplar o firmamento por entre os ramos cobertos de gommos que a folhagem nova, n'elles contida, obrigava, com o seu desenvolvimento, a abrir bem depressa.

Se o tio Simão a visse, depois d'ella estar assim alguns minutos n'aquella posição, havia de perguntar a si proprio no que estaria a rapariga a pensar. Nem mesmo ella poderia explicar o motivo por que as lagrimas lhe inundavam as faces, a ponto de lhe obscurecerem a vista. Considerava-se tão feliz agora, que nem podia descrever a sua felicidade. Porque chorava então? Bijou saltou-lhe para o collo, olhando para ella com olhares de curiosidade, e Cassilda, afagando-lhe a cabeça, soluçava cada vez mais alto.

— Oh, Bijou! — exclamou ella. — Como eu estaria contente se fosse tudo verdade, se eu e o tio Simão fossemos dois peregrinos!

Não podia apagar da memoria as palavras que lhe dirigiu o seu antigo patrão, quando, prostrado no seu leito de miseria, se imaginava n'um logar ainda mais delicioso do que aquella deliciosa floresta. Como elle se referia alegremente aos jardins do Rei, e ás bellas flôres que n'elle medravam! Ah, n'uma cidade que o ruido das carruagens e o fumo das chaminés tornavam insupportavel, entrevia elle a Cidade Celestial, cujas ruas são de oiro, e cujas portas são de perolas. E os *resplandecentes*, não vinham de vez em quando conversar com elle, em logar d'aquelles homens mal encarados que infestavam a floresta, e de que ella sentia agora um medo que não sabia definir? A floresta tinha muitos encantos para ella, mas, ah! que lindo paiz devia ser aquelle, como ella partiria alegremente em sua demanda, se não fosse tudo um sonho!

Depois, existia para ella, ali na floresta, um perigo que lhe não deixava gozar uma completa tranquillidade de espirito, um perigo que a assustava mais do que todos os gigantes e leões de que fallava o livro. Imaginem que o pae dava com ella! Se elle chegasse a saber, como era de todo o ponto provavel, que a filha estava vivendo na cara-

vana do tio Simão, havia de obrigal-a a voltar para a miseravel e immunda barraca, e havia de moel-a de pancadas, como castigo da sua fuga. Era de crer que elle ainda estivesse albergado na cidade, mas voltaria com certeza dentro em poucos dias, e ella então teria todo o cuidado em não se affastar de junto da caravana, para onde se refugiaria ao menor signal de perigo. Quanto mais feliz ella se sentiria ao seguir, com o tio Simão, a estreita senda dos peregrinos, ainda mesmo com a certeza de não tornar mais a ver os queridos logares da sua infancia!

Simão interrompeu-a, chamando por ella da janella da caravana. Ia arrefecendo, pois o sol já não illuminava a clareira, e apenas se avistava, qual volumosa bola de fogo, atravez do espesso arvoredo. Cassilda demorar-se-hia ainda um bocado a fazer desapparecer os vestigios das lagrimas, se não fosse o lembrar-se de que elle havia de estar impaciente. De mais, o interior da caravana estava já tão escuro, que Cassilda não tinha motivo para receiar que elle lhe reparasse nos olhos e lhe perguntasse a causa do seu choro. A agua para o chá fervia na pequena chaleira, e sobre a mesinha viam-se collocados os aprestos para a ceia de duas pessoas. O lume do fogão dava logar a uma agradavel sensação de calor, e Cassilda sentiu-se tão reanimada com todo aquelle conjuncto que esqueceu receios e pezares.

— Quem me dera, tio Simão — disse ella, depois de ceiar — que vocemecê me tomasse para sua creada!

— Tu já o és — respondeu elle, soltando uma certa risada de satisfação.

— Mas que boa idéa que teve! — exclamou Cassilda, batendo as palmas. — Creia que me hei de portar muito bem. Quer que levante a mesa, e lave a loiça?

— Quero — disse elle, arredando a cadeira para traz, e sentando-se a observal-a, emquanto ella lavava os pratos e as chavenas, e os collocava no armario que ficava por debaixo da janellinha, ao mesmo tempo que lançava olhos de admiração para as lindas côres com que a loiça estava pintada. Era Cassilda a unica pessoa que elle tinha amado, ou que o tinha amado a elle, desde que a mãe lhe morrera,

deixando-o n'uma triste e solitaria orphandade. Uma profunda e terna amizade o prendia agora áquella creança, em cujas mãos, pequenas, trigueiras, e estragadas pelo trabalho, em cujos braços emmagrecidos, e em cujo rosto serio, prematuramente enrugado, elle descobria imaginarias bellezas. Fôra sempre amigo dos animaesinhos que encontrava pelo campo, innocentes creaturas que não fugiam d'elle, nem o escarneciam, mas agora tinha encontrado um ser intelligente que o amava, que lhe respondia, que lhe fallava com ternura e carinho. Ria-se de vez em quando sem saber bem porquê, e Cassilda, suppondo-se o alvo d'esse riso, ria tambem. Terminado o seu serviço, ella sentou-se n'um pequeno banquinho junto ao fogão, offerecendo-se, por assim dizer, a um mais facil exame da parte de seu amo.

— Pois, é verdade, Cassilda — disse o tio Simão, reatando o fio da conversa — és agora a minha creadinha. Ouvi dizer que vagava para o semestre uma casinha situada na floresta, onde poderemos viver tão socegados como aqui, e estou com tenções de a alugar, se o preço fôr rasoavel, e tu mostrares ser uma rapariga de juizo. A dita casinha, que é muito bonita, tem quatro divisões e um pequeno quintal. Poderemos, então, arranjar a nossa sala, e ter uma capoeira cheia de criação. Os ovos has de ir vendel-os ao mercado, assim como os cestos de verga, que eu fizer. Que me dizes aos meus planos, Cassilda?

— Oh, tio Simão! — exclamou ella, estremecendo de alegria, e lançando para o amo um scintillante olhar de reconhecimento. Não poude dizer mais nada, mas era visivel a satisfação que lhe ia na alma.

— Tenho uma quantia menos má na caixa economica,— continuou Simão — que me permitte arranjar a nossa casinha a meu gosto, e viver n'ella sem cuidados de especie alguma. Viveremos então exclusivamente um para o outro, Cassilda.

— Mas, tio Simão — exclamou ella, n'um tom differente — se ficamos aqui na floresta, o meu pae vem a dar comigo, mais tarde ou mais cedo. Havia de me custar bastante, depois de estar tão bem, o ir outra vez para a companhia d'elle.

— Não te apoquentes com isso, porque eu já tomei as minhas medidas. Está tudo resolvido. Fui ao albergue procurar o teu pae, e consegui, por fim, que elle te passasse ao meu poder. Comprei te por meia moeda.

— Ah! mas foi muito caro — disse Cassilda com toda a seriedade. — Creia que não valho tanto.

— Para mim vales muito mais ainda. Pertences-me agora inteiramente; elle desistiu de todos os direitos que tinha sobre ti. Olha, este papel vem a ser o recibo com que posso provar que te comprei por meia moeda. Esta cruz, que tu aqui vês, fêl-a o teu pae, por não saber escrever. Não tenhas receio; o negocio está feito com todos os quindins da lei.

Cassilda, perante esta affirmativa, readquiriu a serenidade de espirito. O amarrotado pedaço de papel, com o signal de seu pae sobre o sello, representava, a seus olhos, o penhor da sua felicidade. Sim, era agora feliz, visto já não lhe pertencer, visto elle a ter vendido, visto ter sido comprada pelo tio Simão. Mas custára carissima! meia moeda! Que excellente negocio que o pae fizera! pensava ella.

XIV

A vida na caravana

A amizade que o tio Simão dedicava a Cassilda, creava, dia a dia, raizes mais profundas. Ella tinha, como elle, uma grande predilecção pelas innocentes creaturas da floresta, com as quaes se havia creado, por assim dizer. Era de ver, os dois, patrão e creada, immoveis e quasi sem respirar, observando os curiosos movimentos de algum esquilo, ou de algum coelho, ou o esvoaçar, astuto e acautelado, de algum passaro, em volta do seu ninho em construcção. Ao ouvirem o canto do tordo, ou o do pintarroxo, calavam-se immediatamente, para não afugentarem a avesinha, e punham-se a escutar. Cassilda era de muita utilidade a Simão. Este já não tinha mais necessidade de se arrastar até á povoação visinha, com o fim de se fornecer dos indispensa-

veis generos alimenticios, pois lá estava Cassilda para desempenhar esse serviço, o que ella fazia com o maior desembaraço e perfeição, prestando estrictas contas de todos os cinco réis que gastava. Simão não a deixava ir buscar agua á fonte que existia na estrada, reputando esse trabalho pesado de mais para ella, mas Cassilda acompanhava-o sempre até lá, conversando com elle, e distrahindo-lhe a attenção dos motejos que pelo caminho lhe eram dirigidos.

Esses motejos, porém, como o proprio Simão observou, foram-se tornando menos frequentes. As creanças da floresta já não fugiam das proximidades da caravana, especialmente quando sabiam estar lá dentro Cassilda e Bijou, e até mesmo as mães d'essas creanças fallavam agora com muito bom modo ao aleijado que já não precisava de mendigar o seu pão de cada dia. O tio Simão não deu jámais ensejo a que alguem se lembrasse de o ir visitar á caravana, mas entretinha-se muito em ver brincar as creanças, e quando notou que Cassilda, na companhia d'ellas, retomava os modos proprios da sua edade, ficou tão satisfeito que começou a brindal-as com presentinhos. O riso de Cassilda era-lhe mais grato aos ouvidos do que o maviosissimo canto do rouxinol.

O riso d'ella, comtudo, era as mais das vezes, de curta duração. Ao alegre e estridente alarido de muitas vozes infantis, que chamavam por Cassilda, succediam-se algumas risadas de puro contentamento, e logo em seguida fazia-se na clareira um significativo silencio. O tio Simão espreitava então, occultamente, da porta da caravana, e deparava com ella no meio d'um silencioso grupo que a escutava com a maior das attenções. Uma expressão de tristeza se espalhava pelo rosto dos pequeninos circumstantes, ao ouvirem a mysteriosa historia contada por Cassilda. Esta fallava n'uma voz que não deixava distinguir as palavras a distancia, mas ainda assim, Simão percebeu, em certa occasião, a seguinte phrase, com que a historia concluia: «E no fim de contas, era tudo um sonho.»

O tempo corria, como geralmente acontece na primavera, irregular; umas vezes o sol brilhava com todo o esplendor, illuminando a natureza em festa, n'outras predomi-

navam as asperas nortadas que levavam a doença e a morte a centenares de pessoas. Cassilda permanecia, nos dias frios, junto do fogão. O trabalho não era muito, e por isso ella passava horas e horas sentada na sua cadeirinha baixa, emquanto Simão estava de todo entregue á leitura. Acontecia ás vezes elle levantar inesperadamente a vista de sobre o livro, e apanhava-a então em muda contemplação da sua pessoa, mostrando no olhar, brilhante, amoravel e algum tanto melancholico, o desejo de perguntar o que quer que fosse, que ella não sabia exprimir em palavras. Era um olhar similhante ao do animal que se acha preso n'uma armadilha sem vêr meio de se livrar. Mas, qual o motivo de uma tal expressão nos olhos de Cassilda?

A rapariga não saberia responder á pergunta acima. Sentia, comtudo, que se havia operado n'ella uma mudança, cuja natureza lhe era desconhecida. Vinha-lhe á memoria o tempo que passara com seus paes na barraca, tempo muito mais alegre para ella do que o actual, a despeito da miseria em que então vivia. Com que prazer ella brincava com as creanças das outras barracas! Como ella se divertia em cavalgar, ás cabritas dos rapazes, ao longo da estrada real! Quantas e quantas vezes ella trepava ás arvores, com o fim de se esconder na espessa ramaria! Já lá ia, porém, esse tempo. O sol tinha ainda o mesmo brilho, e o céu a mesma côr azul, mas nada d'isso a encantava agora. Abundavam as flôres, como outr'ora, e Cassilda formava, de vez em quando, com ellas, vistosos ramalhetes, ou delicadas grinaldas, mas bem depressa as punha de parte, deixando-as murchar no esquecimento. Que teria ella? Porque não era feliz? O tio Simão gostava de a vêr alegre, e não cabia em si de contente quando a ouvia rir. Porque não seria ella a mesma rapariga do anno passado, cheia de vida, amiga de brincar, sempre satisfeita?

Havia uma outra coisa que lhe dava que pensar. Fatigava-se com o mais pequeno trabalho Quasi nunca tinha vontade de comer, chegando mesmo a ser necessaria a intervenção do amo para ella tomar algum alimento. Em logar da constante fome de outr'ora, sentia um constante desfallecimento. A ida ás compras, que constituia para ella, ao

principio, um passeio agradavel, tornava-se-lhe em espinhosa tarefa, e mal tinha forças para levar o cabaz no braço.

Bem lh'o dizia a mãe. Não havia de a apoquentar tanto a fome quando tivesse mais edade, mas sentiria então os effeitos da má alimentação anterior. É que já estava quasi uma mulher, pensava ella. Grande coisa era, afinal de contas, que aquella historia da peregrinação fosse apenas um sonho, porque, se não, como poderia ella emprehender agora uma jornada tão comprida?

O tio Simão, notava, como não podia deixar de o fazer, a mudança, gradual mas bem visivel, que se ia operando em Cassilda. Fazia todo o possivel por a espairecer, como elle dizia, conseguindo algumas vezes chamar-lhe a côr ás faces e o sorriso aos labios. Chegava a alugar-lhe burros, para ella dar passeios atravez da floresta, e Cassilda achava immensamente divertido o facto de ser conduzida, sobre o animal vistosamente ajaezado, pelas frescas e assombreadas veredas, como se fosse alguma senhora. Comtudo, esta idéa do tio Simão, a melhor de todas até ali, em breve deixou de lograr bom resultado, pois que á pobre creança, não obstante toda a sua boa vontade de ser agradavel a quem tanto devia, já as burricadas molestavam, em logar de divertirem.

— Cassilda — perguntou um dia o tio Simão — o que é que tu tens?

— Nem eu sei dizer — replicou ella. — Parece que tudo se acabou para mim. Abrigava as mais caras esperanças de partirmos, como *Christão*, atravessarmos o *Valle*, subirmos pelo *Monte da Difficuldade*, e penetrarmos, por fim, na cidade onde mora o Rei. Animava me a idéa de vêr cair os nossos fardos, ao avistarmos a Cruz, e eis que era tudo uma illusão!

— Mas então eu já não sou nada para ti? E o Bijou, e a floresta, que tu tanto amas?

— Tem razão — respondeu ella, caindo-lhe as lagrimas em fio. — Sim, sou muito feliz, e creia que lhe dedico um illimitado affecto. Se não me rio mais vezes, é porque de todo em todo não posso. Não posso deixar de pensar

constantemente na linda cidade, onde esperava entrar na sua companhia. Como eu soffro quando me lembro que não passa tudo de um sonho, e que o meu defunto patrão não foi, afinal, para onde elle suppunha ir.

Estas palavras eram ditas estando ambos sentados á sombra de um carvalho; Simão ouviu-a, sem se atrever a levantar os olhos do chão, e Cassilda, banhando de pranto as mãos que deixara cair negligentemente sobre o regaço, fallava n'uma voz repassada de tristeza.

— Não chores, Cassilda — disse elle — é um sonho, sim, mas um sonho que não deixa de ter seus visos de verdade. Minha mãe entretinha-me com essa historia, quando eu era pequenino, explicando-me o sentido das diversas passagens.

— E ainda se lembra das explicações que ella lhe dava? — perguntou Cassilda, cheia de interesse.

— Ouvi-as tanta vez que me ficaram para sempre na memoria. E' ponto de fé que o Deus Todo-poderoso ama tanto as creaturas d'este mundo, que enviou lá dos céus o seu unico Filho, para vir viver como qualquer homem, e morrer, por fim, na cruz, por todos nós, afim de que, crendo n'elle, possamos ser salvos. Agora que já sabes quem vem a ser Jesus Christo...

— Jesus Christo — interrompeu Cassilda — mas esse é o nome que o Rei teve durante a sua peregrinação.

— Ah! — continuou o tio Simão, medindo as palavras, como quem não gostava de fallar em similhante assumpto — ouve o resto, e terás então comprehendido tudo. Querem dar-nos a intender que devemos fazer o possivel por levarmos uma vida similhante á de Jesus Christo emquanto este esteve na terra. E' isso o que chamam *peregrinar*. E olha que é muito difficil a gente assimilhar-se a Jesus Christo; eu preferiria, para chegar á tal cidade de oiro, luctar com mil obstaculos de outra especie.

— Diga-me tudo o que sabe a respeito d'Elle — implorou Cassilda, agora um pouco mais animada. — No albergue ouvi fallar muitas vezes em Jesus Christo, e o meu defunto patrão chamava-lhe o Rei. Ande, conte-me tudo o que souber.

— O melhor é ler-t'o. Está tudo impresso na Biblia, livro em que eu ha muitos annos não pego.

N'aquella noite Simão procurou, n'uma caixa que quasi nunca abria, a Biblia de sua mãe, ou, antes, a que ella lhe comprara no dia em que elle fizera doze annos. Era um grosso volume, com capa de carneira e fecho de metal. As paginas correspondentes aos evangelhos estavam cheias de dedadas que attestavam a assidua leitura que d'elles se havia feito. Simão, ao pegar no livro, foi assaltado por uma vivida recordação da velha mãe; parecia-lhe estar vendo a creatura que o trouxera tantas e tantas vezes em seus braços, estando elle já n'uma edade que lhe permittia o lembrar-se agora d'esses momentos tão doces, dos ardentes beijos com que lh'os pagava. Vinham-lhe á idéa as privações que ella soffrera por sua causa, e como ella fazia consistir toda a sua consolação no amor do Senhor, cuja vida elle ia ler a Cassilda. Foi com voz pouco segura que começou a ler o Evangelho de S. Lucas, mas depois, notando o profundo interesse com que Cassilda o escutava, esqueceu a sua commoção, e esforçou-se por continuar a leitura com a maior clareza possivel.

O interesse de Cassilda ia crescendo á medida que os capitulos se succediam. Uma grande parte, porém, da leitura lhe era incomprehensivel; as mesmas palavras, posto que escriptas na sua lingua natal, não tinham sentido algum para ella. Perguntava a si propria o que se deveria entender por phariseus e synagogas, e a idéa que fazia das terras que ouvia nomear, era estarem situadas a pouca distancia da cidade d'onde havia pouco, viera, sendo talvez, alguma d'ellas, a terra do tio Simão. Causou-lhe um grande alvoroço a historia do menino que estava deitado na mangedoura, e disse, commovida: « Se eu lá estivesse, havia de pedir á mãe que me deixasse pegar n'Elle um bocadinho.» Ao ouvir como o rapazinho da mesma edade d'ella já tinha sabedoria sufficiente para discutir com os doutores, reconheceu a sua propria ignorancia, e deixou pender a cabeça por alguns momentos. Em breve se lhe tornou patente que muito poucos eram os que O amavam, e muitos os que O odiavam, não obstante a sua vida tão

santa, tão cheia de acções benevolentes. Como ella gostaria de lhe lavar os pés, e de lh'os beijar, como fizera a mulher em casa de Simão! Que contente ella ficou quando ouviu ler a historia do bom Samaritano, que teve compaixão do viajante ferido na estrada! Quando, porém, o tio Simão chegou ás parabolas da ovelha desgarrada, da drachma perdida, e leu, por fim, a do filho prodigo, que gastou todo o seu patrimonio n'um paiz longiquo, e veiu depois lançar-se nos braços do pae, que o recebeu, não irado contra elle, mas com immenso affecto, correndo ao seu encontro e beijando-o, Cassilda sentiu-se tão transportada fóra de si mesma que quasi não podia fallar.

— Oh, tio Simão — exclamou ella — isso será tudo verdade, ou não passará de um sonho, como a historia que está no outro livro?

— Ámanhã te darei a resposta — disse elle em voz baixa. — Hoje é tarde. Vae-te deitar, Cassilda, e prometto ler-te ámanhã mais um bocado.

CAPITULO XV

Será verdade?

O tio Simão, atacado por uma pergunta a que não podera responder de prompto, embrenhou-se na floresta, e entregou-se a maduras reflexões sobre o caso. A noite estava serena, e a lua, agora em toda a sua plenitude, illuminara os ramos mais altos das arvores. Elle achava um grande prazer em vagueiar pela floresta em noites como aquella, livre de olhares curiosos, encontrando tão sómente um ou outro vulto mysterioso que fugia espantado da grotesca figura com que inesperadamente deparara. A questão, que tinha a discutir comsigo mesmo, não lhe permittia agora o extasiar-se perante as bellezas do luar que fazia scintillar a agua dos lagos cujas margens estavam bordadas pelos cannaviaes em flôr.

Seria tudo verdade, ou não passaria de um sonho? A voz de Cassilda, anciosa e triste, soava-lhe ainda aos ouvi-

dos. Forçosamente se havia de dar um dos dois casos, e, pondo mesmo de parte a promessa, que fizera, de responder á rapariga, o seu interesse pessoal, o d'elle, exigia uma satisfactoria solução. Lembrava-se de que n'outro tempo, ao ser-lhe contada por sua mãe a historia da vida de Christo, acreditava piamente n'ella. Depois que se vira orphão, porém, atormentado pela amargura de uma existencia solitaria, sem ter a animal-o uma pessoa que se compadecesse de suas afflicções, abrigou no coração a idéa de que não existia Deus, ou que, se existia, era um Deus que se não importava com elle. A Biblia estava, no seu intender, cheia de mentiras; eram fabulas, e nada mais, quasi todas as suas passagens.

A idéa da completa não-existencia de Deus, comtudo, não se lhe arraigava profundamente no espirito. Inclinava-se mais a que existisse um Ser poderoso, que lhe observava os movimentos, ouvia tudo o que elle dizia, e adivinhava tudo o que elle pensava: contra esse Ser se revoltava elle, era-lhe odiosa a sua superioridade, e se, ás vezes o nome de Deus o aterrorisava, n'outras, quando o seu soffrimento era mais intenso, quando a sua deformidade servia de alvo ás rudes gargalhadas de homens e mulheres, quando as creanças fugiam pressurosas, a esconder-se d'elle, attribuia-lhe, com raiva, a causa de tudo o que soffria, e, fazendo-o, sentia se algum tanto alliviado.

Assim, a pergunta a que elle tinha de responder, tanto a Cassilda como a si proprio, não era já «Existirá Deus?» mas sim «Teremos nós um Pae no céu que nos ama, que corre ao nosso encontro, que nos recebe com affecto no lar divino? Será verdade que Elle mandasse o seu Filho ao mundo por nossa causa, por causa de tão miseraveis e indignos peccadores? Seria crivel que Jesus Christo, vivendo entre os homens, e observando-os com o seu olhar que prescrutava os mais intimos recessos da alma humana, os chamasse para junto de si, taes quaes elles eram, e se promptificasse, ou, muito antes, desejasse ardentemente dar a sua vida por elles? Seria possivel o Elle ter dito a algum d'esses homens: «Os teus peccados te são perdoados?» Ao sermos atormentados pelas tribulações munda-

nas, poderemos sentir a consolação de que as soffremos por Seu amor, e de que mais tarde nos serão trocadas por um excessivo e eterno peso de gloria? »

Eram estas as perguntas a que o tio Simão não sabia responder. Comtudo, posto que convencido da sua pouca intelligencia, da sua nenhuma instrucção, tinha quasi a certeza de chegar, por fim, a descobrir a verdade. Elle cria em Deus Todo-poderoso, apezar de dizer algumas vezes o contrario. Seria esse Deus um Ente cruel e vingativo, que se comprazesse em castigar e fazer soffrer? Habitaria Elle n'um paiz longiquo, n'um affastadissimo céu de bem-aventurança, onde não chegasse um echo dos afflictivos gritos que partem da terra? Seria o que Christo affirmou d'Elle, isto é, o Pae de todos os homens, que tem cuidado até dos pardaes, em suas innumeraveis gerações, e que reveste de bellezas os lyrios dos campos? Ah, que se o tio Simão podesse crer n'isso, de pouco se lhe dariam os seus deffeitos corporaes, em nenhuma importancia teria o facto de só com enorme esforço poder levantar a cabeça quando fallava com os seus similhantes! Que lhe poderiam importar os ditos e as gargalhadas de um mundo imbecil, se tivesse a convicção de que tudo isso havia de acabar um dia, não no encerramento do caixão lançado á fria sepultura, mas no reino de Deus, onde entraria, erecto, jubiloso, com a fronte aureolada pela sempiterna alegria?

Era preciso responder á pergunta de Cassilda. Havia de lhe dizer que a historia de Christo não passava de um sonho, tambem? Elle bem se lembrava do desgosto que a pobre rapariga tivera ao ser-lhe dito que nada havia de real ácerca da viagem do peregrino; se lhe fosse dizer agora que a Biblia era falsa, que Deus nunca pensara em mandar Filho algum ao mundo, que tudo quanto se dizia a esse respeito era uma pura invenção, quem sabe lá se ella resistiria a tal choque. Os progressos da doença de Cassilda haviam sido tão graduaes, que só agora, no momento de ter o cerebro occupado com pensamentos devéras extraordinarios para elle, é que o tio Simão pensara, verdadeiramente a serio, no estado de fraqueza em que ella se achava. Iria elle soffrer, pela segunda vez, a dôr de se encon-

trar triste e abandonado entre uma multidão de indifferentes? Fêl-o soltar um profundo gemido a idéa de que poderia assim acontecer. Nunca imaginara dedicar tamanha affeição Cassilda.

Voltou a toda a pressa para a caravana, e approximou-se da pequena creatura adormecida. O somno desvanecera lhe a expressão mulheril que habitualmente lhe cobria o semblante, e sorria agora com o sorriso que sómente a paz de espirito concede. O tio Simão sentiu-se mais satisfeito. A Biblia, aberta no sitio em que a leitura fôra interrompida, estava ainda sobre a mesa e a luz do candieiro continuava a illuminar a scena. Simão sentou-se, pegou no livro, e por tal fórma se entregou á leitura do mesmo, que sómente o poz de parte ao ouvir o chilrear dos passarinhos que saudavam a madrugada. Descançou, então, durante uma ou duas horas, não deixando, porém, mesmo em sonhos, de pensar na momentosa questão.

No outro dia mostrou-se menos fallador do que o costume, e Cassilda, por seu lado, não fez uma unica referencia ao que ouvira lêr na noite anterior, posto que isso se lhe não tirasse da memoria. O receio que tinha de alguma decepção é que a induzia ao silencio. Tinha medo de perguntar. A historia de Jesus Christo não seria tão bonita como a da «Viagem do Christão», mas merecia, certamente, que se indagasse da sua veracidade com muito mais interesse. Se essa historia lhe era algum tanto duvidosa, devia se isso tão sómente á cruel desillusão que soffrera com a outra, mas se o tio Simão lhe asseverasse ser verdadeira, acredital-a-hia sem a menor hesitação. Tinha-o na conta de muito instruido em assumptos d'esta ordem, e esperava anciosamente pela noite, a fim de ouvir a resposta que tanto desejava e, ao mesmo tempo, temia.

Chegada porém, a noite, o tio Simão recomeçou a sua leitura sem responder, como promettera, á pergunta da vespera. Cassilda sentiu um tal ou qual desapontamento, mas foi lhe a attenção desviada pelas coisas maravilhosas que ia ouvindo, e quando se chegou ao capitulo da crucificação, e ella viu condemnado á morte Aquelle que pra-

ticara tão espantosos milagres, que proferira tão doces palavras, e que, mesmo sobre a cruz, ainda exclamava: «Pae, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.» não poude calar-se por mais tempo. Era preciso saber-se se aquillo era sonho ou realidade.

— Oh! tio Simão — gritou ella, encarando fixamente o amo — diga-me se posso crêr n'isso.

— Podes, sim, pois é tudo verdadeiro — respondeu elle, fechando o livro, e escondendo o rosto nas mãos — Jesus morreu por nossa causa. Não tenho agora duvida d'isso. «Eu creio, Senhor. Ajuda tu a minha incredulidade..

XVI

Livres dos fardos

Se perguntassem a Simão qual o motivo por que chegara á conclusão de que tudo quanto lêra era verdadeiro, não saberia responder definitivamente. A verdade fôra-lhe insinuada pelo seu coração dolorido, que durante tantos annos se debatera com fome e sêde de amor, e que acabava de fazer a descoberta de que a protejel-o estivera sempre um amor que sobre-excede a imaginação humana. Posto que o pobre aleijado não visse Christo, nem lhe ouvisse o som da voz, tempo viria em que ambas as coisas se realisariam. Até lá não deixaria de confiar n'Elle, e cada dia, cada hora o havia de approximar mais d'Elle.

Em seguida ao conhecimento do longanimo amor de Christo, veiu o sentimento do peccado que endurece o coração contra elle. Que loucura, que insensatez! Passar uma vida desgraçadissima durante cincoenta annos, quando, em todo esse tempo, podia ter vivido alegre, sentindo a presença do maior dos amigos, de Aquelle que estava prompto a estender-lhe a mão, apezar de todos os seus aleijões e deformidades. Não eram os coxos, os aleijados, os cegos, aquelles de quem Christo se compadecia especialmente? E agora, sentado á mão direita de Deus Pae, não sentiria Elle ainda a mesma compaixão pelos que soffrem?

Que loucura a dos homens, quão enormes os seus peccados! Simão estivera, até ali, esmagado ao peso d'elles, mas agora, pensando no Salvador que quizera de pôr sobre si mesmo esse pesado fardo, já não murmurava, já não soltava o menor queixume.

O maior prazer que tanto elle como Cassilda agora tinham eram o de sentarem-se á sombra das frondentes arvores, durante as longas tardes de verão, lendo, repetidas e repetidas vezes, a historia da vida de Christo sobre a terra. O tio Simão gostava tambem de ler um ou outro capitulo do Apocalypse, cujas descripções faziam lembrar a Cassilda o sonho que durante algum tempo tivera como um facto real, e por cuja causa havia soffrido a maior decepção da sua vida. Esse sonho, começava ella a comprehender agora, não era completamente destituido de verdade; os dois, ella e o tio Simão, eram já do numero dos peregrinos, posto que a caravana estivesse ainda no mesmo sitio da floresta, o *Evangelista* não tivesse apparecido, e o *Secreto* lhes não houvesse trazido carta alguma do Rei.

— Em que altura vae a nossa peregrinação? — perguntou ella um dia? — Somos já chegados á Cruz?

— Pois já, minha filha — respondeu o tio Simão — e caiu-me dos hombros o fardo que me opprimia. Sou agora a creatura mais feliz que se pode imaginar. Era bem pesada a carga que eu trazia sobre mim, no tempo em que eu descria do amor de Deus, chegando até a negar-Lhe a existencia. Esse tempo já lá vae, e creio agora que o Senhor me ama tanto como áquelles que estavam junto da Cruz no momento d'Elle expirar. Que me importa ser aleijado, se tenho a certeza de uma eterna salvação!

— Não sabe? Tambem já estou livre do meu fardo — disse Cassilda. — Vivia muito assustada com a idéa de que era falso tudo quanto lhe ouvia ler, e que não tinha para onde ir quando morresse. Olhe, tio Simão, custa-me bastante dizer-lhe, mas parece-me que vocemecê perdeu o dinheiro que deu por mim: sinto que não terei muito tempo de vida.

— Não me digas isso, Cassilda — exclamou elle. — Não,

não pode ser! Não teria forças para supportar a tua falta.

— Estou comsigo ainda alguns dias — disse Cassilda, erguendo para o seu bom amigo os olhos que exprimiam amor e gratidão.—Não sei bem o que tenho, nada me doe, não soffro coisa alguma, mas não posso andar nem trabalhar. É a mesma doença de que minha mãe morreu, e para a qual, segundo tenho ouvido dizer, não ha cura. Ainda hontem ouvi a conversa de duas mulheres, dizendo, por fim, uma d'ellas, que a minha vida era comparavel a uma vela que se extingue a pouco e pouco.

— Cassilda! Cassilda! — exclamou, afflictissimo, o tio Simão, segurando as mãos d'ella, como se temesse perdel-a n'aquelle mesmo instante.

— Socegue, que ha de ter-me ao pé de si emquanto eu poder—disse Cassilda ternamente—sim, emquanto eu poder. Quem dera que podessemos viver juntos por largos annos! Gostava immenso de atravessar comsigo o *Valle da Sombra da Morte*, pois sempre é verdade haver o que quer que seja parecido com isso, não lhe parece?

— Se é! — respondeu o tio Simão.—Eu que o diga, depois de te haveres separado de mim.

— Lembre-se de que o Rei tambem passou por esse *valle*. Achou-se sósinho; os discipulos abandonaram-n'o, fugindo; ah, soffreu mil vezes mais do que vocemecê quando eu o deixar. Elle ha de compadecer-se da sua vida solitaria, ha de confortal-o nas suas horas de tristeza, e é mesmo provavel que lhe mande alguem em meu logar. Se me fôr dado fallar com Elle, não me ha de esquecer pedir-lhe que lhe mande uma pessoa que o estime tanto como eu.

— O quê, outra que valha, para mim, tanto como tu!— Isso não torno eu a encontrar — atalhou elle.

— Ora! o que falta ahi são creadas, muito melhores do que eu, sem comparação. Eu nunca aprendi, por assim dizer, a fazer as coisas como devia, e vocemecê é que tinha a culpa; quasi que não me deixava trabalhar! Quando se mudar para a bonita casinha que tem em vista, ha de arranjar quem o sirva muito melhor do que eu, verá; mas não se esqueça nunca da Cassilda, não?

— Nunca! — respondeu elle, meio soffocado.

— O Bijou ahi lhe fica como recordação minha. Quando vocemecê lhe fallar no meu nome, ha de elle começar a farejar por todos os lados. Mas não me acha, pobre animal. O que é a gente crer em Jesus! Se fosse n'outro tempo, quanto me havia de consumir a idéa de morrer, e de ser sepultada debaixo da terra. O que me custa é lembrar-me que a minha pobre mãe não sentiu esta grande consolação que eu sinto.

— Cassilda, é preciso consultar um medico — disse o tio Simão. — Vou alugar um cavallo, e partiremos ámanhã na caravana. Nada se poderá fazer emquanto não te queixares a um doutor.

— Queixar-me de quê? Eu já lhe disse, a vocemecê, que não tinha o menor soffrimento. Supponho que tudo isto é originado da fome e do frio que passei durante o inverno. Alegra-me ter agora a certeza de que o meu velho amo, por cuja causa me levantava tantas vezes de noite, está effectivamente na cidade para onde elle dizia ir. Não imagina a alegria que eu tenho em certas occasiões. Se desejo viver ainda mais algumas semanas, é sómente por causa de vocemecê e do Bijou; senão, partiria, contentissima, agora mesmo, para a bemdita morada do Senhor. Não lhe parece que ha de haver lá alguma coisa parecida com as *ruas calçadas de oiro*, de que se falla na *Viagem do Christão*, e que eu, apezar da minha humilde condição de creada, hei de vir a passeiar sobre ellas?

— Ah! mas certamente — respondeu o tio Simão.

— O divino Rei tratou sempre as mulheres e as creanças com tanta caridade! — proseguiu Cassilda — Não tinha para ellas senão palavras de amor. Talvez que eu vá viver para algum sitio d'onde O veja passar de vez em quando, e lhe possa tocar a orla do vestido, como aquella mulher que não ousava dirigir-se-lhe frente a frente, e a quem Elle depois fallou com tanta bondade. Não houve jámais alguem que tratasse, como Elle, as mulheres e as creanças. Como se ellas se podessem comparar com os homens! Muito hei de eu gostar de O ver passar, seguido de enorme multidão! Quem sabe, tio Simão? Pode ser que vocemecê vá habitar na mesma casa com o meu outro patrão,

e eu venha a servil-os a ambos. Que bom que isso seria! Hei de esperar anciosamente a sua chegada lá.

— Cala-te, cala te — gritou elle, já sem forças para continuar a ouvil-a. — Vamos ámanhã fallar com o medico; e não quero que penses na morte.

Foram, effectivamente, no outro dia a casa do medico de maior fama n'aquelles arredores, mas de nada serviu isso. O principe da sciencia declarou que o excesso de trabalho, junto com uma alimentação insufficiente, havia sido a causa da doença de Cassilda, e que a unica coisa a fazer agora era rodeal-a do maior carinho e conforto durante os poucos dias que lhe restavam. Estas palavras foram ditas na presença da rapariga, que se limitou a acenar com a cabeça, como se desse a entender já esperar ouvir aquillo mesmo. Quando porém, o tio Simão lhe pegou na mão, com muito cuidado de não a magoar, e a conduziu até á caravana, que os esperava á porta, Cassilda prerompeu em amargos soluços.

— O que me custa, sobretudo, é ter de me separar de si — dizia ella, a chorar. — Nunca julguei que vocemecê se affligisse tanto com a minha morte. Resigne se, pois, bem vê que não ha outro remedio. Aconteceu exactamente o que o meu primeiro patrão me disse ter logar ás vezes: a minha peregrinação não continuou além da Cruz: mais alguns passos depois de a avistar, e entrarei na gloriosa cidade. Elle chamava-me a «pequena peregrina com o seu fardosinho» e poderia ter ajuntado «cuja peregrinação ha de ser bem curta.»

CAPITULO XVII

Uma curta peregrinação

A peregrinação de Cassilda foi, na verdade, de breve duração. O tio Simão ainda procurou, durante algum tempo, illudir-se com respeito ao inevitavel e proximo desenlace, não obstante a creança peiorar dia a dia.

Reprehendia-se agora a si proprio por não a ter acolhi-

do durante o inverno, como estivera quasi decidido a fazel-o. Chamava muitas vezes á memoria aquella noite em que ella bateu á porta da caravana, com o Bijou, e lhe pediu para a deixar dormir debaixo do vehiculo; apresentava-se-lhe tão vivida a recordação d'esse caso, que lhe parecia ter voltado ao passado, ao momento de dizer á rapariga que a deixava passar a noite sob o tecto da sua extravagante habitação. Ah! se elle aproveitasse a opportunidade que tivera, de a admittir logo a viver comsigo! As opportunidades, porém, não se repetem, e se as deixamos escapar, ellas vão cair silenciosamente na profunda sepultura do passado. Para as fazer voltar, de nada valem os nossos gritos de afflicção e arrependimento. Entre o tio Simão e aquella noite interpunha-se o inverno que tragara a vida da pobre Cassilda, e agora só teria junto a si durante algumas semanas, ou dias, talvez, a creatura que tão querida se lhe tornara.

Por gosto se poderia agora viver na floresta: o mez de julho, com os seus dias quentes e alegres, não vinha acompanhado de aquelle calor suffocante que faz anceiar pela vinda do outomno. A agua corria ainda com abundancia pelos regatos, e a herva conservava-se, por emquanto, fresca e viçosa. As arvores estavam espessamente cobertas de folhas que ainda não apresentavam a côr carregada que o sazonado verão lhes dá. Os rouxinoes levavam toda a noite a cantar, tão perto ás vezes da caravana que Cassilda, despertada por elles do seu somno, punha-se a escutal-os, com uma expressão de alegre paciencia estampada em seu rosto emmagrecido. Ouvia-os tambem de dia, distinguindo-lhes o canto no meio de uma ruidosa chilreada que durava desde o romper da manhã até ao sol posto. As creanças da floresta levavam de vez em quando a Cassilda grinaldas e ramalhetes de flores, que ella lhes havia ensinado a fazer n'outro tempo. Quando se sentia com forças para descer os degraus da caravana, costumava ir sentar-se, quasi sempre acompanhada pelo tio Simão, á sombra de uma das frondentes arvores da clareira; elle lia-lhe, então, em qualquer dos dois livros de que ella tanto gostava, e essa leitura era tambem ouvida pelas creanças que, quietas e si-

lenciosas, se agrupavam em volta da sua amiguinha doente. Em breve, porém, Cassilda deixou de ligar interesse a tudo o que não fosse a historia da vida e morte do Redemptor.

— Vejo ser tudo verdade. — disse ella um dia, com os olhos intensamente brilhantes — Não se pode admittir como factos reaes a maior parte das passagens do «Peregrino», mas o seu sentido é facilmente percebido depois da leitura das Santas Escripturas. Jesus Christo fez-se similhante a nós, excepto no peccado; sentiu cançaço, passou fome, foi odiado pelos homens, e por fim, soffreu a morte affrontosa da cruz; pregaram lhe as mãos e os pés, escarneceram-n'o, e deixaram-n'o morrer assim, de todo desamparado! Que dôr que eu sinto no coração ao pensar em tal!

— Foi, d'esse modo, que Elle mostrou o grande amor que tinha por nós — disse o tio Simão. — Bastava Elle rogar ao Pae, para vir em seguida uma legião de anjos salval-o, mas não nos seriam, então, expiadas as nossas culpas. Elle devia morrer, devia ser levantado no madeiro, antes de nos poder levar ao seio do Pae: isto ultrapassa um pouco a nossa comprehensão, mas foi Elle mesmo que o disse. Tu has de comprehendel-o primeiro do que eu, Cassilda, talvez t'o seja explicado dos proprios labios de Jesus; emquanto a mim, depositarei a minha fé em taes palavras, e esperarei a minha vez de ouvir a explicação d'ellas tambem.

— E' esquisito! — disse Cassilda soltando uma debil risada. — Chega a parecer-me que oiço os passarinhos cantando em volta do Senhor! O meu outro patrão dizia-me, antes de morrer, que lhe estava sendo constantemente segredado aos ouvidos o nome do Rei, e que por isso é que a alegria reinava em seu coração. Ora diga-me, tambem faz consistir todo o seu deleite no sentimento da presença de Jesus?

— Não me atrevo a affirmal-o, Cassilda — respondeu elle. — Occupo-me muito de ti.

— Ah! n'esse caso quanto mais cedo eu fôr, melhor. Não sou mais do que uma misera creatura, e nem por sombras quero que vocemecê deixe de pensar em Christo.

Sabe perfeitamente que em coisa alguma lhe posso valer.

— Tu já me tens valido de muito. Entre outras coisas, ensinaste-me a ler a Biblia.

— Eu! — exclamou Cassilda — Está decerto brincando.

— Não, não estou brincando — replicou elle, abrindo o livro sagrado, e lendo, com voz tremula, a historia da agonia do Salvador no Jardim de Gethsemani. Lidos apenas alguns versos porém, deixou cair o livro no chão, e escondendo o rosto entre as mãos, começou em altos gemidos, exactamente como Cassilda havia presenceado por diversas vezes, n'outro tempo em que, escondida por detraz das arvores, não ousava approximar se d'elle. As creanças, assustadas com aquelle incidente, foram-se retirando a pouco e pouco, deixando-os a ambos sósinhos. O sol inundava de brilhante luz a clareira, e os passaros cantavam festivamente nos ramos do carvalho; não prestavam, comtudo, nem a uma nem a outra coisa, a minima attenção. Cassilda ergueu se do colchão em que estava reclinada, e sem proferir uma palavra, encostou a cabeça aos joelhos de seu amo. Queria dar-lhe a intender, assim, que o acompanhava na tristeza e se condoia do seu soffrimento. Era uma consolação para o pobre velho, pensava ella.

— Oh! Pae — exclamou elle, repetindo as ultimas palavras que lêra — se é possivel, passe de mim este calix. Não se faça comtudo a minha vontade, senão a Tua.

— Foi aquillo o que Jesus disse — murmurou Cassilda, dirigindo-se, em parte, a si propria. — Hei-de pedir ao sr. Alves velho que me explique o sentido d'aquellas palavras. No emtanto, creio que tudo aconteceu pelo melhor, visto ter prevalecido a vontade de Deus.

— Sim, é tudo pelo melhor, Cassilda — disse o tio Simão — mas custa-me, devéras, ter de ficar outra vez sósinho no mundo.

— Vocemecê não pode passar sem creada — exclamou ella com impetuosidade — Eu no seu caso não a comprava, para não me arriscar a perder outra vez o meu dinheiro, mas tomava para casa uma certa pessoa que eu conheço, a qual acceitaria o logar com a maior satisfação. E' a Rosa, aquella que me traz flores todas as manhãs; é mais boni-

ta do que eu, e mais forte, posto que não seja mais velha. Ha-de fazer-se de ali uma boa creada, tenho a certeza, com mais habilidade para lhe tratar da creação, do que eu nunca teria. Gostava tanto de ver a casinha que vocemecê vae alugar para o semestre! Talvez a possa ver lá do céu, e regozijar-me com a certeza da feliz existencia que vocemecê ha de passar na companhia da Rosa, e que nós tencionavamos passar juntos. Que bom que isso ha de ser! Quantas vezes dirá vocemecê á Rosa, ou ao Bijou: « Cassilda está-nos vendo, esteja ella lá onde estiver! » Sabe o que desejava antes de morrer? Era que nos juntassemos os quatro, eu, vocemecê, o Bijou e a Rosa.

— Iremos ámanhã, os quatro, ver a casinha — disse o tio Simão, alegre por poder offerecer a Cassilda uma distracção que lhe seria de grande proveito. Elle chegava, algumas vezes, a pensar que o enfraquecimento da rapariga era tão sómente devido a ella não achar prazer nem interesse em coisa alguma. A Rosa possuia a sympathia do tio Simão, por ser desembaraçada, alegre, de boa presença, e tel-o tratado sempre com respeito e bondade, mas estava longe de vir a ser uma successora de Cassilda, em toda a accepção da palavra. No emtanto a ultima vontade d'esta seria cumprida: a Rosa ficaria sendo a creada do tio Simão.

No dia seguinte a caravana, conduzindo o aleijado e as duas raparigas, poz-se em movimento atravez da floresta, ao longo da magnifica estrada real, ora passando junto das casas e lojas de uma ou outra aldeia, ora embrenhando-se, a perder de vista, por entre o pouco elevado matto em que sobresahia, de quando em quando, a alta ramaria de alguma arvore. A porta do vehiculo ia aberta de par em par, de maneira que Cassilda, commodamente sentada na sua cadeira de braços, e rodeada de almofadas, podia estender a vista ao longo do empoeirado caminho que deixavam atraz de si. Ella conhecia bem esse caminho, não havia ponto d'elle com que não estivesse familiarisada. Quantas vezes ella o havia seguido, ao lado da mãe, cançada, com os pés doridos, e precedida pelo pae que descarregava sobre ambas as pragas que lhe vinham á imaginação avi-

nhada! Que mudança se havia operado na vida d'ella desde então! Estimava muito antes estar ás portas da morte, mas na companhia do bom tio Simão, do que passar a miseravel, depravada existencia de outr'ora.

A casinha ficava fóra da estrada real, á beira de uma das rampas que conduziam á parte baixa da floresta. Por detraz erguia-se um pequeno monte, e rodeava-o um grupo de velhos e nodosos carvalhos que abrigavam com os seus ramos um indiscriptivel emmaranhamento de silvas. Ao longe um pardacento nevoeiro toldava a atmosphera, designando o sitio onde a grande cidade estava situada. Poucas habitações havia, proximas do pittoresco recinto, e essas mesmo, luxuosos edificios, eram occupadas por gente rica, que nenhuma attenção daria ao que se passasse na humilde casinha. Esta fóra, provavelmente, construida como dependencia de algum dos palacetes visinhos, em vista das prolongadas azas do telhado, das janellas de grades, e do pequeno vestibulo que tinha á entrada, e o ser agora alugada em separado poderia, talvez, attibuir-se a uma antipathia pela solidão do logar. O quintal era pequeno, mas confinava com um bello pedaço da floresta, onde havia grande profusão de flores silvestres, dedaleiras, rosas, madresilvas, por entre as quaes vegetava o thymo em abundancia, e onde preoccupadissimas abelhas mal deixavam ouvir o seu zumbido. Cassilda, encostada á porta do quintal, olhava avidamente para todo aquelle conjuncto, como se quizesse retel-o para sempre na memoria. A Rosa, ao lado d'ella, olhava tambem para tudo, com olhos de admiração, mas abrigando no seu intimo um certo receio de ir viver para ali sósinha com o tio Simão. Este, não tendo animo de ver Cassilda contemplando a casa que a morte lhe não deixava habitar, deixou-se ficar na caravana.

— E' tão bonita, a sua casinha! — disse Cassilda, quando afinal voltou para junto d'elle — Como eu hei de pensar n'ella lá no céu! — ajuntou a pobre creança, ao ser conduzida de novo para a clareira.

CAPITULO XVIII

Partida para a gloriosa Cidade

Os fatigantes solavancos do vehiculo, e o estado de excitação em que ficara ao ver a casinha, acabaram por esgotar as ultimas forças que ainda restavam a Cassilda. O dia seguinte passou-o ella sentada na cadeira, á porta da caravana, olhando para a clareira onde nunca mais tornaria a brincar. Bijou deitou-se-lhe socegadamente aos pés, levantando de vez em quando a cabeça, á passagem de algum coelho, mas sem mostrar nenhuma vontade de lhe dar caça, como tinha por costume. Cassilda foi visitada durante o dia por algumas creanças que pouco depois se retiravam silenciosas, quer ella as saudasse com o seu alegre sorriso de resignação, quer d'ella não vissem mais do que o rosto adormecido sobre a almofada. A Rosa foi a unica que se atreveu a perguntar ao tio Simão se Cassilda estava peior, mas apenas obteve, em resposta, a ordem de se retirara, e de apparecer tão sómente quando fosse chamada. Simão desejava passar sósinho com Cassilda aquelle dia, que talvez fosse o ultimo que passava com ella. Não queria que os estranhos presenceassem a sua dôr. Podia ser que ella não morresse já tão cedo, que estivesse simplesmente cançada da viagem da vespera, e que em breve se apresentasse, relativamente fallando, restabelecida, mas, podendo dar-se, tambem, o caso da partida se realisar n'aquelle dia, queria estar só com ella, afim de lhe ouvir as ultimas palavras, afim de lhe colher o ultimo sorriso, tendo só a Deus por testemunha.

— Deus ama-nos a ambos — murmurava elle comsigo mesmo, sentando se junto da enferma, prompto para qualquer emergencia. — Entrego-lhe tudo a Elle, mas, oh, se fosse possivel tel-a comigo, ou morrer com ella!

Passavam tranquillas e vagarosas as horas, e Cassilda conservava-se muito quieta, sem dizer uma unica palavra; não dormia, comtudo, como Simão tinha occasião de verificar sempre que, animado de terriveis desconfianças, ap-

proximava o seu do rosto d'ella — d'esse rosto que em breve ia deixar de ver. Bijou foi se chegando cada vez mais, até descançar a felpuda cabeça sobre os pés de sua dona, e quando o tio Simão ia a enxotal-o, querendo livral-a do que suppunha servir-lhe de incommodo, ella impediu esse acto com a mão, murmurando ao mesmo tempo: «Deixe-o estar; não faz mal; pobre Bijou!»

Ao declinar da tarde, quando reinava na caravana um calor insupportavel, começou ella a proferir entrecortadas phrases em que mencionava o nome do seu primeiro patrão, de D. Joaquina e do pequeno Chico: era evidente que o delirio se apossara d'ella, fazendo-a crer-se outra vez na sombria casa onde estivera a servir. Quando, porém, o tempo refrescou, depois do sol se occultar por detraz da basta ramagem do arvoredo, e o céu appareceu salpicado de pequenas nuvens esbranquiçadas, voltou de novo ao estado consciente, e pareceu recuperar as forças. Os sinos da egreja visinha começaram a tocar, e esse som agradavel e harmonioso, chegando aos ouvidos de Cassilda, fêl-a levantar a cabeça para escutar melhor.

— Não sabe, tio Simão — disse ella, em voz que quasi se podia chamar forte — suppuz que estivessem tocando por minha causa os sinos da Cidade. Mas esses não tocam á chegada de uma pobre rapariga da floresta.

— Porque não! — respondeu Simão, sentando-se mais proximo, não ousando encaral-a, e tomando entre as suas uma das mãos d'ella — Cassilda, minha filha, Jesus ama-te tanto como se tu fosses uma princeza. Para Elle não ha grandes nem pequenos. Serás tão acclamada pelos repiques dos sinos, e pelos toques das trombetas de oiro, como o personagem mais elevado da terra.

— Hei de ficar tão acanhada com essas manifestações! — balbuciou Cassilda — Antes queria ser recebida sem ruido algum, e ouvir, dos labios de Jesus, que me estava apparelhado um logar d'onde O podesse ver passar de quando em quando.

Estas palavras esgotaram-lhe as ultimas forças: deixou cair a cabeça na almofada, e assim se deixou ficar, acariciada pelas sombras das folhas que o vento da tarde agita-

va. Os sinos pararam de tocar, e pareceu ao tio Simão haver-se produzido um subito silencio na clareira, não obstante os passaros continuarem com os seus cantos, como que zombando da tristeza em que elle estava immerso. A Rosa, meio occulta por entre o matto, e a uma distancia que estava em harmonia com as ordens de seu futuro amo, conservava-se prompta á primeira voz. O tio Simão olhava, de quando em quando, para a Biblia que tinha aberta sobre os joelhos, e lia alguns versos em voz alta, versos cujo sentido elle mal comprehendia n'aquella occasião; essa leitura chamava ás faces de Cassilda um vivido clarão, que se esvaecia lentamente, logo que ella cessava. A luz do sol tornava-se cada vez menos distincta, e em breve as sombras deixaram de brincar em redor da moribunda. O tio Simão tomou-lhe uma das mãos, que nem sequer já correspondeu a esse contacto, e achou-a fria de gelo.

— Cassilda, Cassilda — gritou elle fóra de si.

— Era tão affavel, tão bom! — murmurou ella como em sonho — E crucificaram-n'O! Oh! quem me dera poder compensal-o dos soffrimentos por que Elle passou!

Estas palavras foram ditas em voz tão sumida que Simão mal as ouviu; em seguida, a avesinha favorita de Cassilda, o pintarroxo que tinha o ninho na arvore mais proxima da caravana, começou a cantar tão alto que não deixou ouvir dizer mais nada do que seus labios proferiram. Comtudo, o bom do velho creu distinguir um derradeiro adeus, soltado ás portas da resplandecente Cidade.

CAPITULO XIX

A casinha do tio Simão

Levou muito tempo ao tio Simão o restabelecer-se da dôr que a morte de Cassilda lhe causara. Tivera de passar pelo terrivel *Valle da Sombra da Morte*, onde não encontrou luz nem conforto, e mais uma vez foi tentado a negar a existencia de Deus. Não o desamparava, comtudo, aquella fé, aquella esperança que Cassilda lhe fizera brotar no co-

ração. Era-lhe inconcebivel a idéa de não haver para Cassilda, ou para elle, quando morresse, um Salvador, um céu, um Pae, uma casa, além da sepultura. Sem mais razão do que aquella que uma creatura ignorante pode ter, resolvera-se a ter como verdadeiro, pela fé, tudo quanto tornava os homens bons, pacientes, uteis, durante a vida, e pacificos e alegres á vista da morte.

Chegado o fim do semestre, o tio Simão installou-se, com a Rosa por sua creada, na casinha da floresta. A Rosa tornou-se-lhe quasi como uma filha; era deligente no seu serviço, e tratava o amo com o maior disvello, mas differençava-se de Cassilda, em que esta amava o especialmente por elle não se parecer com os demais homens. Não se passava um dia radiante de sol, não se passava uma tempestuosa noite de outomno, sem que o pobre homem pensasse na sua Cassilda. As deformidades que o faziam viver no isolamento, que faziam fugir d'elle as outras pessoas, é que a levavam a amal-o com todas as forças do seu fiel coração. Não se parecia ella um pouco, sómente um pouco, com aquelle Christo, cujo amor excede toda a comprehensão, e que escolheu para seus irmãos os miseraveis filhos do homem, destituidos de todo o ponto de similhança com Deus?

Dois ou tres annos depois da morte de Cassilda, o tio Simão incumbiu a Rosa de ir á cidade, indagar do que tinha sido feito da familia Alves. Deu-lhe o nome do policia que fôra chamado na noite em que elle se encontrou com Cassilda na ponte, e mandou-a procural-o. A rapariga foi informada de que, poucos mezes antes, havia chegado o Alves, da America do Sul, falto de saude, e sem cinco réis na algibeira. Achando a sua antiga habitação na posse de pessoas estranhas, e não lhe sendo possivel dar com o paradeiro da mulher e do filho, recolheu-se ao hospital, ahi falleceu, e teve o mesmo enterro que o pae que elle tinha abandonado na velhice. De D. Joaquina e do pequeno Chico nunca mais houve a mais leve noticia.

Um verso havia, na Biblia do tio Simão, que, mais do que qualquer outro, se achava ligado á memoria de Cassilda, e, por esse facto, elle rodeou-o de um traço a tinta

preta. Inundavam-se-lhe os olhos de lagrimas, tremia-lhe a voz, todas as vezes que o lia alto; parecia-lhe ver o attento rosto de Cassilda, soava-lhe aos ouvidos a anciosa pergunta: «Será verdade?» O verso constava das seguintes palavras de Christo: «Na casa de meu Pae ha muitas moradas: se assim não fosse, eu vol-o teria dito, pois vou a apparelhar-vos o logar.» (S. João, 14: 2).

Lido mais uma vez —
12-4-55

FIM